



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

IVAILDA MARQUES SILVA

A ÉTICA ARISTOTÉLICA ENQUANTO HORIZONTE PARA A FELICIDADE

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

IVAILDA MARQUES SILVA

A ÉTICA ARISTOTÉLICA ENQUANTO HORIZONTE PARA A FELICIDADE

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira

**CAMPINA GRANDE- PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Ivailda Marques
A ética aristotélica enquanto horizonte para a felicidade
[manuscrito] / Ivailda Marques Silva. - 2017.
60 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Ms.Janduí Evangelista de Oliveira,
Departamento de Filosofia".

1.Ética. 2.Virtude. 3.Moral. 4.Felicidade. I. Título.

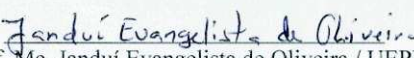
21. ed. CDD 101

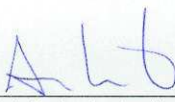
IVAILDA MARQUES SILVA

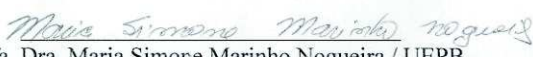
A ética aristotélica enquanto horizonte para a felicidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 25/05/2017.


Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Examinadora

A Deus, porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas, em quem está a plenitude da sabedoria e da ciência. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Nessa etapa tão importante que está sendo concluída, paro para pensar no caminho percorrido e percebo que muitos fizeram parte da minha história e esta é uma boa oportunidade para agradecer. E quando penso em cada pessoa que esteve ao meu lado, aparecem muitos que eu devia no mínimo dizer, obrigada.

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a capacidade de entendimento para finalizar mais essa etapa da minha vida, por ter me concedido saúde e forças para não desistir, mesmo quando apareciam situações adversas. Agradeço a Deus por todos os benefícios dispensados ao meu favor, porque ele permitiu a passagem de pessoas de bom coração na minha vida.

Ao meu pai, Itamar de Paiva Silva e minha mãe, Maria José Marques da Silva, bem como aos meus irmãos: Antônio, Iranir e Itamar, e a minha tia Antônia Marques, que sempre acreditaram que eu iria conseguir, me dando apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, à minha avó materna Josefa Marques (*in memoriam*) que antes de partir muito contribuiu para a construção da pessoa que sou hoje, enfim a todos os meus familiares agradeço com grande estima e consideração pelo apoio de todos.

À Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade de fazer o curso. Aos professores, secretárias e coordenação do departamento de filosofia pela diligência no cumprimento de suas tarefas, mesmo sem nominar terão os meus eternos agradecimentos. Em especial ao professor Janduí Evangelista de Oliveira pela orientação, apoio e confiança. Ao Prof. Arlindo e a Prof.^a Simone por aceirarem fazer parte da banca examinadora. Aos meus amigos e aos colegas de turma que sempre estiveram prontos para ajudar quando precisava. Em especial a Herica Moura pela força e pela palavra amiga nas horas de desânimo. Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a discussão sobre ética centralizada na obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, onde percebemos que o agir humano é uma busca pela felicidade. O nosso objetivo é discutir a respeito da *eudaimonia* como resultado da ação ética, partindo do pressuposto de que o exercício das virtudes é fundamental para se alcançar uma vida ética e feliz. Inicialmente veremos as propriedades da ação ética, demonstrando as disposições do caráter e explicando o termo virtude, onde a virtude moral não surge por natureza, mas é alterada e adquirida pelo hábito. Analisamos também que sem a prática o homem não pode ser bom. Pois as virtudes morais são adquiridas através do exercício das demais virtudes, e o indivíduo é a causa de suas próprias ações. Em seguida apresentamos a felicidade como um bem louvável, que confere ao sujeito um diferencial, pois é uma atividade da alma de acordo com as virtudes éticas, ela é autossuficiente e perfeita e, sobretudo, é resultado de uma busca constante. Por fim, analisamos a atividade que é própria do ser humano, esta que lhe orienta para a vida das virtudes, livres das paixões. Considerando que através da razão prática o sujeito é levado a realizar atos considerados éticos, e é na comunidade que ele está inserido que suas ações precisam ser colocadas em prática, já que o homem é um animal político e necessita viver em sociedade. Assim, a felicidade só é alcançada se o indivíduo se dedicar as práticas de ações virtuosas.

Palavras-chave: Ética. Virtude. Moral. Felicidade.

ABSTRACT

The present work has the purpose of analyzing the discussion about ethics centralized in the work *Ethics to Nicomache* of Aristotle, where we perceive that human action is a search for happiness. Our objective is to discuss eudaimonia as a result of ethical action, based on the assumption that the exercise of the virtues is fundamental to achieve an ethical and happy life. Initially we will see the properties of ethical action, demonstrating the dispositions of character and explaining the term virtue, where moral virtue does not arise by nature but is altered and acquired by habit. We also analyze that without practice man can not be good. For the moral virtues are acquired through the exercise of the virtues, and the individual is the cause of his own actions. Then we present happiness as a laudable good, which gives the subject a differential, since it is an activity of the soul according to the ethical virtues, it is self-sufficient and perfect and, above all, it is the result of a constant search. Finally, we analyze the activity that is proper to the human being, which guides him to the life of the virtues, free from the passions. Considering that through practical reason the subject is led to perform acts considered ethical, and it is in the community that he is inserted that his actions need to be put into practice, since man is a political animal and needs to live in society. Thus, happiness is only achieved if the individual devotes himself to the practices of virtuous actions.

Keywords: Ethics. Virtue. Moral. Happiness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 AS PROPRIEDADES DA AÇÃO ÉTICA.....	11
2.1 AS DISPOSIÇÕES DO CARÁTER.....	15
2.2 TODOS OS HOMENS BUSCAM O PRAZER E SE AFASTAM DO SOFRIMENTO..	18
2.3 DISCUSSÕES ACERCA DA VIRTUDE.....	19
2.3.1 A constituição da alma.....	22
2.3.2 A ética no conceito de amizade.....	25
3 A EUDAIMONIA COMO RESULTADO DA AÇÃO ÉTICA.....	28
3.1 A FELICIDADE: UM BEM UNIVERSAL.....	31
3.2 A FELICIDADE É AUTOSSUFICIENTE E PERFEITA.....	34
3.2.1 A felicidade como contemplação.....	37
4 A FUNÇÃO OU ATIVIDADE DO HOMEM.....	41
4.1 O QUE ARISTÓTELES DIZ SOBRE A <i>AKRASIA</i>	45
4.2 A FELICIDADE É PERMANENTE.....	49
5 CONCLUSÃO.....	58
6 REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Ao decorrer desta exposição buscamos compreender a ética aristotélica enquanto horizonte para a felicidade, para tanto, tomaremos como base a obra *Ética à Nicômaco*, por ser um dos livros mais importantes de Aristóteles que trata sobre ética, e mesmo sendo um escrito antigo, é um assunto relevante em nossos dias, porque nos leva a pensar na importância de viver conforme as virtudes éticas através da razão. Vemos nesta obra uma ética alicerçada no bem comum entre os indivíduos, fundada nos juízos morais do homem bom e virtuoso a fim de encontrar o supremo bem, isto é, a felicidade.

O período histórico que está voltado nossa pesquisa coincide com o século IV a.C., uma fase das grandes descobertas do pensamento grego onde surge uma preocupação com os problemas do homem e, sobretudo com os problemas políticos e morais. Com o aumento da democracia e o domínio da antiga aristocracia, a democratização da vida política e o desenvolvimento da vida pública fizeram nascer à filosofia política e moral. Onde temos grandes autores como Aristóteles e seu mestre Platão, que se preocuparam com a existência de uma comunidade democrática, limitada e local que seria a *polis*¹ ou Cidade – Estado.

Para esses pensadores a comunidade política e social é o meio da moral e somente através dela se realiza o ideal da vida teórica, para Aristóteles a felicidade. É na *polis* que o homem se realiza como um animal político, ou social e esse ser social não pode viver isolado, mas sente a necessidade de viver em comunidade. E nessa vida em comum o homem bom ou sábio deve ser um bom cidadão

Na obra *Ética à Nicômaco* Aristóteles formula a ética da virtude baseada na busca pela felicidade. Neste livro o estagirita desenvolve sua temática levando em conta os vários conceitos acerca da ética, cujo objetivo primordial é o bem, ou seja, a felicidade. Neste sentido Aristóteles alcança o campo da ação humana, e a diferencia, pelo método e pelo conteúdo: o saber prático e a técnica criadora, distinguindo assim: o saber teórico do prático, pois na concepção aristotélica o homem participa do seu autodesenvolvimento, ampliando e dinamizando seu agir, se conscientizando de suas capacidades, em vista de uma finalidade.

Aristóteles pretende fornecer conhecimentos que indicam a ética como o caminho que leva o sujeito a encontrar um bem genuíno e puro e que tenha um fim em si mesmo, para ele, a felicidade. Portanto, buscou-se reunir informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: seria então possível ser feliz, numa perspectiva aristotélica

¹ Cidade, entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos (no grego *politikos*), isto é, pelos homens nascidos no solo da Cidade, livres e iguais.

sem a ética? Primeiro partindo do pressuposto de que o homem vive em sociedade, e segundo que na definição de Aristóteles, a felicidade é um bem humano a ser realizado em pleno exercício de sua função própria, isto é, numa atividade que diz respeito somente ao humano.

As prováveis respostas identificadas na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles mostram a vida perfeita como a prática das virtudes, ao lado dos que convivem conosco, e essa vivência tem como resultado a felicidade. Porque sem a prática o homem não pode tornar-se um ser bom. Além de que, como as virtudes morais são adquiridas pela vivência do indivíduo, o homem se apresenta como a própria causa das suas ações.

Aristóteles nos afirma que todo o conhecimento e todo trabalho do homem visa ao bem supremo, que é a felicidade, onde o ser feliz equivale ao bem viver e ao bem agir. Assim não seria possível para Aristóteles ser feliz fora da ética. Pois a felicidade é conquistada com esforço, praticando as virtudes. E se o indivíduo não se esforça em praticar boas ações dentro da sociedade não encontrara o supremo bem segundo Aristóteles.

Assim, a felicidade está ligada à ação, ou seja, ela mesma é uma forma de ação de acordo com a virtude. A ideia de virtude para o estagirita está vinculada à ideia de fim, ou seja, cada ser possui um fim em si mesmo, e a sua realização e felicidade só se completa enquanto ser, tornando-se virtuoso, em conformidade com a ética.

Demonstramos esse assunto pela necessidade de entender os problemas da moral no convívio do homem, na sociedade que está inserido, e pela importância de recorrer à origem da ética e apontar os conceitos relevantes apresentados pelo estagirita. Evidenciando o valor desta ética proposta por Aristóteles porque incentiva a sociedade a buscar a felicidade através das virtudes como única possibilidade para tal fim. Colaborando assim para o bem da comunidade sendo pessoas éticas e tendo uns com os outros um convívio íntegro e aprovável. Essa é a contribuição que nossa pesquisa deseja alcançar, não somente o embate filosófico, mas que ao olhar do pensamento e contribuição de Aristóteles, possamos nos assumir enquanto seres moralmente corretos a fim de alcançar o supremo bem.

O nosso trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro propomos um questionamento em relação aos elementos da ação ética destacando as disposições do caráter, e fazemos uma pequena análise da relação entre felicidade e prazer, tentando entender porque todos tendem a fugir do sofrimento e buscar o prazer. Fazemos ênfase no conceito de virtude, distinguindo através das partes da alma apresentadas por Aristóteles, veremos de forma sucinta o que é a virtude ética e a virtude *dianoética* onde se encontra a sabedoria que Aristóteles chama de contemplação, onde seria possível encontrar o bem supremo. É feita uma análise da relação humana denominada amizade e buscamos compreender em que ela

contribui para a felicidade, e a relação da ação ética com o bem viver. No segundo capítulo veremos a *eudaimonia* como resultado da ação ética, sendo feita referência ao conceito de sumo bem, mostraremos ainda a felicidade como um bem que é buscado por todos e que não necessita de nada para acrescentá-lo, pois ele é autossuficiente e perfeito. Já no terceiro capítulo buscamos encontrar qual a função do ser humano que o distingue dos outros seres, veremos também que toda ação leva a um fim e tentaremos apresentar a felicidade como fim último do homem. Analisaremos ainda a questão da *akrasia*, segundo a concepção aristotélica, tentando entender porque alguns homens tendem a praticar aquilo que vai contra os seus próprios princípios. Depois iremos mostrar no mesmo capítulo como a felicidade é permanente na vida do homem, independente dos infortúnios que este venha enfrentar. Para trabalharmos estes pontos além da obra principal que foi a *Ética a Nicômaco*, usamos outras bibliografias que também foram importantes para nossa pesquisa como: *A política* de Aristóteles, *A Ética* de Vázquez, uma organização de textos selecionados da *Ética a Nicômaco* elaborada por Zingano e *A República* de Platão que também trouxe sua contribuição para nossa pesquisa. Além da leitura de periódicos, artigos, teses e outros textos que contribuíram para o nosso referencial teórico, haja vista que a leitura abre a mente e concretiza ideias que formulamos durante nossa graduação.

Assim sendo, depois destas considerações passamos agora de início a discorrer sobre as propriedades da ação ética, onde pretendemos demonstrar a dimensão política e social que a leitura da filosofia prática de Aristóteles nos revela, proporcionando questionamentos e esclarecimentos em relação à herança deixada pelo filósofo, nos permitindo compreender o homem como animal político. A fim de entender como a ética nos encaminha para a felicidade não só nossa, mas de todos que convivem conosco.

2 AS PROPRIEDADES DA AÇÃO ÉTICA

Toda ação tem sua origem no homem, isto é, ele é a causa eficiente, enquanto motivação, e também é a causa final desse agir. Todavia, a ação só é conhecida quando manifesta por meio de sua prática. Logo, só nos tornamos seres éticos por meio de ações conscientes. Mas há uma diferença entre conhecer o princípio da ação e exprimi-lo no agir. Quer dizer, conhecer teoricamente como se deve agir não torna ninguém virtuoso. Mas sempre, através da prática diária das atividades virtuosas é possível chegar à excelência. Nesse sentido, temos: “Também acerca da excelência não se dá o caso de bastar conhecê-la, mas tem de se tentar possuí-la e aplicá-la, ou de qualquer outro modo tornarmo-nos pessoas de bem” (ARISTÓTELES, *EN X 1179B4*). Nesse caso, o homem não deve apenas conhecer o que fazer, mas agir de forma consciente e por livre e espontânea vontade².

O agir está relacionado à disposição de sentido, isto é, por afecções, que nos dispõem bem ou mal e nos orienta para alguma direção, para o prazer ou a dor. A ética³ procura, por sua vez, a possibilidade de construir uma disposição que permita ultrapassar a capacidade patológica, orientando e dando um sentido aos movimentos. Quando essas disposições são construídas de forma permanente, possibilita-se à formação do caráter. Aristóteles procura um sentido que nos possa servir como orientação prática: “as nossas análises parecem atingir um grau de convicção, pois a verdade no horizonte prático é decidida a partir dos feitos realizados e da existência vivida” (ARISTÓTELES, *EN X 1179A18*). O propósito do estudo da ética é a ação, e não somente o conhecimento, já que não nos tornamos virtuosos apenas por saber o que é a virtude, *aretê*⁴.

Conforme vimos anteriormente, a ação depende, necessariamente, do homem, ela é o resultado da aplicação do princípio geral da ação que é observado e que regula a mesma. Todavia, esse plano geral da ação só consegue formar o caráter se aplicado no momento exato, ocasião em que temos em frente o medo ou o prazer. Uma vez nessa situação, o homem se entrega ao prazer ou foge dele. Em vista disso, Aristóteles nos da à disposição do meio, que evita o excesso e a falta:

Denomino meio das coisas o igualmente distante de um e outro extremo, do qual é um só e o mesmo em todas. Denomino meio com respeito a nós aquilo que nem sobeja nem faz falta, e este não é o único nem o mesmo para todos (ARISTÓTELES, 2015, p. 56).

² Compreendida aqui como emancipação de causas exteriores, isto é, o sujeito que se autodetermina interiormente.

³ De acordo com Abbagnano, 2007, p. 380. Ética é a ciência da conduta humana.

⁴ Um estado excelente, algo ou alguém que exerce bem sua função e atinge os padrões mais altos.

Dessa forma, andar no meio termo fará o homem agir de forma virtuosa. Essa capacidade de decidir caminhar segundo as virtudes⁵ define a autenticidade e o caráter da ação do homem.

Temos de início uma distinção entre as ciências práticas e as produtivas, isto é, certas atividades têm nelas mesmas os seus fins, como é o caso da ética e da política. As demais possuem seus fins diferentes de sua atividade, artes⁶ e técnicas, apenas um aspecto é comum a todas elas, a saber, a busca do bem. No caso da ética em grego *ethos*, que quer dizer, modo de ser ou caráter, é o bem do indivíduo que se prepara para bem viver consigo e com os outros. Ocasão em que, através da conduta ética o homem passa a conviver e se relacionar melhor em comunidade. Esse comportamento é importante para o convívio em sociedade, pois nossas ações podem afetar outros indivíduos. Nesse contexto Vázquez destaca:

Em todos estes casos, trata-se de problemas práticos, isto é de problemas que se apresentam nas relações efetivas, reais, entre os indivíduos ou quando se julgam certas decisões e ações do mesmo. Trata-se, por sua vez, de problemas cuja solução não concerne somente à pessoa que os propõe, mas também a outra ou outras que sofrerão as consequências da sua decisão e da sua ação (2008, p. 15-16).

A ética é prática e pretende tornar os homens bons. Cada vez que ele age é um desafio que encontra, pois, o seu caráter depende de suas ações, assim como também a sua felicidade. Estes desafios vão estar sempre presentes na vida do homem, e em cada ação ele precisa saber o que é bom e como deve agir. Suas ações dependem somente dele, em seu pleno exercício da razão prática⁷.

No que diz respeito à razão prática, compreenderemos do que se trata considerando as pessoas que a possuem. É comumente reconhecida, como marca do homem dotado de racionalidade prática, a capacidade da boa deliberação sobre aquilo que é bom e vantajoso para ele, não em algum âmbito particular, sobre aquilo que conduz à saúde ou condiciona o vigor físico, mas sobre aquilo que conduz à boa vida em geral (ZINGANO, 2010, p. 136).

Evidencia-se, portanto, que a razão prática, como o nome já diz, é diferente do conhecimento teórico, porque trata de coisas humanas e sobre aquilo que é possível decidir. Assim, o homem dotado da razão prática escolhe sempre o que é bom, pois, através da análise prática o sujeito delibera⁸ sobre o melhor através da sua ação ou modo de agir.

⁵ Virtude para Aristóteles é o meio termo.

⁶ Arte no sentido de produção.

⁷ A razão prática, aqui, tem relação com o fim último, ao específico e ao particular como objeto da ação.

⁸ “Processo por meio do qual o pensamento prático articula um bem geral que desejamos e o foca em uma ação particular que está em nosso poder praticar, assim produzindo em nós um desejo de praticar essa ação”

As consequências das nossas ações podem afetar outra pessoa, e certas ações podem atingir vários indivíduos ou uma comunidade inteira. “O problema do que fazer em cada situação concreta é um problema prático-moral e não teórico-ético” (VÁZQUEZ, 2008, p.02). Em situações do cotidiano somos levados a praticar algumas normas que julgamos mais apropriadas do que outras. Estas normas são reconhecidas como obrigatórias pela lei moral da cultura que estamos inseridos, e é através delas que conhecemos o dever de agir desta ou de outra maneira. Quando cumprimos tais normas de conduta dizemos que agimos moralmente.

À diferença dos problemas prático-morais, os éticos são caracterizados pela sua generalidade. Se na vida real um indivíduo concreto enfrenta uma determinada situação, deverá resolver por si mesmo, com a ajuda de uma norma que reconhece e aceita intimamente, o problema de como agir de maneira a que sua ação possa ser boa, isto é, normalmente valiosa. Será inútil recorrer à ética com a esperança de encontrar nela uma norma de ação para cada situação concreta. A ética poderá dizer-lhe, em geral, o que é um comportamento pautado por normas, ou em que consiste o fim – o bom – visando pelo comportamento moral, do qual faz parte o procedimento do indivíduo concreto ou o de todos (VÁZQUEZ, 2008, p. 17).

Desse modo, dizer o que é bom não é uma preocupação da moral⁹, mas cabe ao investigador ético. Nesse sentido, Aristóteles busca definir o que é o bem e não determinar o que devemos fazer para que nossa ação seja boa. Enquanto que para a maioria o que é o bem varia, para Aristóteles é a felicidade para outros a honra, o dinheiro, o prazer o poder, etc.

Decidir e agir numa situação concreta é um problema prático-moral; mas investigar o modo pelo qual a responsabilidade moral se relaciona com a liberdade e com o determinismo ao qual nossos atos estão sujeitos é um problema teórico, cujo estudo é da competência da ética (VÁZQUEZ, 2008, p. 18).

Com isso, abre-se para a ética um grande campo de estudo, que em nossos dias é chamado de metaética¹⁰, com o objetivo de estudar a natureza, a função e a justificação dos juízos morais. O campo da ética não está à margem da moral, nem se limita a uma forma determinada relativa à moral: “[...] a ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens” (VÁZQUEZ, 2008, p. 21).

Assim, a ética não é apenas uma descrição, mas uma explicação daquilo que foi ou é, ela deve levar a compreensão de um aspecto real do comportamento humano, ou seja, a ética deve esclarecer o fato dos homens recorrerem às práticas morais diferentes ou opostas.

(ZINGANO, 2010, p. 174). A deliberação é o processo que serve como base para a decisão, ou seja, não há decisão sem deliberação.

⁹A palavra moral se origina do latim “*mos* ou *mores*”, “costume” ou “costumes”. Como conjunto de regras adquiridas por hábito. Segundo o dicionário de Filosofia Abbagnano, 2007, p. 682. Moral é objeto da ética, as condutas dirigidas por normas ou *mores*.

¹⁰ Análise da natureza, atividade e causa dos juízos morais.

Enquanto moral quer dizer costume, ética quer dizer caráter, portanto, moral e ética são costume e caráter, assim não são uma disposição natural, mas são conquistadas através do hábito. “Por conseguinte, o comportamento moral não é a manifestação de uma natureza humana eterna e imutável, dada de uma vez para sempre, mas de uma natureza que está sujeita ao processo de transformação que constitui precisamente a história da humanidade” (VÁZQUEZ, 2008, p. 28).

É importante saber que a ética não é a criadora da moral, esta pressupõe certos princípios e não é a ética que os estabelece em certa sociedade: “[...] a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano” (VÁZQUEZ, 2008, p. 22). Portanto, a ética não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições, ela tem a função de explicar a moral.

O homem possui um lado animal e outro deus. Se ele fosse apenas animal, ele seria levado por suas afecções e não necessitaria da ética. Sendo apenas um deus, o bem não seria um problema, o fato de viver já seria bom, pois ele não necessitaria de pessoas nem de coisas, e não precisaria da comunidade para alcançar sua completude. “Mas aquele que for incapaz de viver em sociedade, ou que não tiver necessidade disso por ser autossuficiente, será uma besta ou um deus, não uma parte do Estado” (ARISTÓTELES, 2004, p.147). O homem segundo Aristóteles, é um animal político, e por sua natureza vive em sociedade, e precisa manter relações uns com os outros. Então se algum homem decide viver isolado, só há duas explicações: ou ele não possui razão, isto é, não tem consciência da necessidade de conviver em sociedade, ou é um deus, no sentido de não precisar de nada nem de ninguém, e conseqüentemente, conseguiria sobreviver sozinho.

Logo, é a vida em sociedade que faz o homem se realizar, porque só esse tipo de vida lhe dará a oportunidade para exercer o seu caráter e assim conquistar a virtude.

É que as ações justas ou corajosas conformes as restantes possibilidades de cumprimento da excelência que realizamos através do nosso relacionamento com os outros implicam uma atenção cuidada com as pretensões de cada uma, seja em contratos comerciais, nos momentos de necessidade, seja em toda a espécie de situações em que se encontram, seja em toda a espécie de paixões que os aflijam, tudo isso parece ser próprio do acontecimento do homem (ARISTÓTELES, *EN* X 1178A11).

O homem não nasce pronto, ele vive em constante processo de construção do seu caráter, o qual vai definir se ele terá uma vida de virtudes¹¹ ou de vícios.

¹¹ Virtude quando colocado no plural refere-se aos louváveis traços da personalidade como justiça, coragem, moderação e temperança, é diferente de virtude no singular que é o excelente estado da alma.

Sabemos que é através da prática que adquirimos virtudes, conforme leremos a seguir: “[...] na verdade, fazer é aprender, por exemplo, os construtores de casas fazem-se construtores de casas construindo-as” (ARISTÓTELES, *EN* II 1103A36). Assim, faremos melhor aquilo que tornar-se habitual e com a excelência acontece da mesma forma, ela não é algo ensinado, mas é um hábito adquirido através da prática.

Porém, o pensamento de Aristóteles vai além, quando coloca o hábito em relação tanto com o bem quanto com o mal: “é ao construir bem uma casa que os construtores se tornam bons construtores, tal como é ao construir mal uma casa que os construtores se tornam maus construtores” (ARISTÓTELES, *EN* II 1103B11). Isso quer dizer que, não importa apenas se alguém aprendeu a fazer certa atividade, o que interessa mesmo é se será executada de forma boa ou má. Assim também acontece com a virtude e o vício. Diante de uma determinada situação de medo podemos agir de duas formas: como covardes ou corajosos, do mesmo modo quando estamos em um estado de ira, alguns conseguem ter temperança e agir de forma agradável, já outros perdem o controle e agem de forma irracional.

Deste modo, é importante que o sujeito além de conhecer as propriedades da ação ética expresse esse modo de agir através das suas ações cotidianas, para assim conseguir alcançar a excelência. Já que só é possível conhecer o caráter de alguém, quando essa pessoa se coloca em situações que possa testá-la, e sua escolha vai fazer toda a diferença na hora de determinar as disposições permanentes do caráter, que analisaremos a seguir.

2.1 AS DISPOSIÇÕES DO CARÁTER

Aristóteles nos aconselha a seguir a ideia de meio termo (*mesótês*¹²) entre o excesso e a deficiência, nesse sentido temos os exercícios físicos, que tanto o excesso pode ser prejudicial à saúde como a falta deles. A generosidade ou liberalidade são o meio termo em relação à riqueza. O esbanjamento¹³ e a avareza¹⁴ são as disposições de excesso e falta. Por isso, “A virtude é uma boa disposição porque evita excessos e deficiências, onde excesso e deficiência designam dois modos de falhar em ser correto ou ser bom no campo dos contínuos” (ZINGANO, 2010, p. 412). O argumento de Aristóteles é que atividades excessivas ou deficientes não produzem disposições virtuosas. Ele aconselha a seguir sempre pelo meio termo que é a escolha certa e mais justa a ser feita com discernimento através da razão. Quando algo é bom, por exemplo, não se deve tirar ou acrescentar nada, o meio termo é

¹² O meio termo é colocado por Aristóteles como o caminho ético para a excelência.

¹³ Gastar mais do que é devido.

¹⁴ Falta de generosidade.

por isso chamado de caminho para a ética, para a excelência, e o que Aristóteles quer dizer é que escolher o meio termo é o mesmo que evitar os vícios que ficam nas extremidades e que impedem a vida ética.

Aristóteles trata do que está no nosso controle realizar, e o que está no nosso poder nos faz ser justos ou injustos. Se pensarmos em um sujeito embriagado que age de forma inconsciente, alguém pode dizer que suas ações não estão no seu domínio, porém, ele próprio se colocou em estado de embriagues, Logo é responsável por suas ações injustas. “Assim entendemos por justo num certo sentido o que produz e salvaguarda a felicidade bem como as suas partes, componentes para si e para toda a comunidade” (ARISTÓTELES, *EN V* 1129B18).

Quanto à deliberação “nós deliberamos sobre aquelas coisas que nos dizem respeito e que dependem de nós” (ARISTÓTELES, *EN III* 112A31). Contudo, resta ainda saber sobre o que se pode deliberar, e nesse sentido não é possível deliberar sobre o que é eterno e nem sobre o que está sempre em movimento: como o nascer do sol, a rotação da terra, as chuvas ou ainda sobre o que acontece por acaso como encontrar um amigo na rua. Essas coisas não podem ser objeto de deliberação porque não estão sob o nosso controle. Cada pessoa delibera sobre suas próprias decisões, então, não podemos fazer escolhas por outra pessoa.

Também é importante lembrar que não deliberamos sobre o fim, mas sobre o meio de alcançá-lo. O homem que possui um fim em vista, primeiro pensa nos meios mais fáceis e possíveis para conseguir o que deseja, e depois de deliberar e tomar a decisão, o homem parte para a execução. Assim, toda ação começa com uma decisão deliberada que, de início é a motivação e não o fim que se visa. Isto é, o princípio da decisão é a intenção por um fim desejado e a deliberação será sobre o meio para alcançá-lo. Portanto, não existe decisão ética sem a disposição do caráter, não há como alguém agir bem sem a disposição ética. E o princípio da ação vai ser sempre o homem, pois só ele tem o poder de decisão sobre as suas ações.

Na verdade, a excelência diz-nos respeito e encontra-se sob o nosso poder não menos do que a perversão. Isto é, as situações nas quais está no nosso poder agir são as mesmas em que podemos não agir. Porque, quando está no nosso poder dizer não, também está no nosso poder dizer sim. De tal sorte assim é que se estiver no nosso poder o agir bem, também aí estará o agir vergonhosamente (ARISTÓTELES, *EN III* 1113B7).

Durante a sua vida o homem é posto diante de escolhas (*prohairesis*)¹⁵ que o leva a seguir as excelências do caráter ou acompanhar as suas próprias paixões. Porém “a vida do que atua de acordo com a excelência será uma vida feliz” (ARISTÓTELES, *EN X 1179A9*) Assim, tanto está sob o nosso poder agir virtuosamente, como agir de forma errada, ou seja, cada um é responsável por suas ações, mas só conseguimos agir de forma correta se adquirirmos as virtudes, que é o caminho que leva a felicidade. Porém, existem aqueles que praticam ações justas, mas não são justos, praticam as ações certas e vivem como um homem justo deve viver, mas, fazem apenas para cumprir as leis ou agem involuntariamente, ou por ignorância, ou qualquer outro motivo e não por princípios que decorrem da razão.

“Alguns pensam que os homens se tornam homens de bem por disposição natural, outros por habituação, outros ainda, por aprendizagem” (ARISTÓTELES, *EN X 1179B22*). Nascer com uma disposição natural para o bem não depende de quem assim nasce, mas, segundo Aristóteles, decorre de certas causas divinas nascer com esse privilégio. É muito difícil alguém se tornar um homem de bem por ensinamento, para isso, ele precisa estar preparado para ouvir, entender e pronto para colocar em prática o que foi transmitido. A única forma de se tornar um homem virtuosos é pelo hábito, através desse é possível adquirir uma boa disposição do caráter. Nessa questão Aristóteles concorda com Platão¹⁶. “Daí termos de ter sido criados de certo modo desde muito pequenos, como afirma Platão, de modo a regozijar-nos e sofrer como devemos, pois essa é a educação correta” (ZINGANO, 2010, p.166). A alma do homem precisa está preparada por meio dos hábitos, pois quem vive segundo as suas paixões e vontades, não escuta conselhos e se escutasse não entenderia, por isso, o caráter precisa antes de tudo ter familiaridade com a virtude e acolher os ensinamentos éticos.

Todavia, não são todos que estão prontos para abandonar suas paixões e viver de uma forma correta, somente depois que a vida ética se torna um hábito¹⁷ que deixa de ser dolorosa.

¹⁵ Escolha intencional.

¹⁶ Zingano nessa citação faz referência as *Leis* de Platão, onde ele relata sobre a ideia de que o hábito se torna a segunda natureza do homem.

¹⁷ O homem que é verdadeiramente virtuoso não perde o hábito, pois, a virtude passou a fazer parte da sua natureza.

2.2 TODOS OS HOMENS BUSCAM O PRAZER E SE AFASTAM DO SOFRIMENTO

O prazer está relacionado com a natureza humana e nos segue no decorrer de nossa vida, tem um grande peso em relação à virtude e a vida feliz. Em volta dele está todo hábito ético. Pois os homens escolhem o que é deleitável e evita o que traz sofrimento. “No vulgo, ao invés, gera-se o engano em virtude do prazer que parece bom e não é, de sorte que procura como bem o prazer, e foge como mal à dor” (ARISTÓTELES, 2015, p 70). Todos tendem para o prazer e para o que ele se dirige. O prazer é o objeto de nossa escolha, e o sofrimento ao contrário, é objeto de aversão para todos os seres.

Entretanto, nem mesmo o prazer pode ser o bem mais desejável, pois para ser precisaria ser somado a algum outro bem.

O prazer é sempre uma *gênesis* ou um processo direcionado a um fim e nunca o estado final de tal processo, ou mais especificamente, que todos os prazeres são processos perceptíveis em direção a alguma condição natural ou normal (ZINGANO, 2010, p.89).

Mas, no sentido de geração, o prazer seria a geração de algo e o sofrimento a destruição desse algo. O sofrimento seria a falta de alguma coisa que precisamos e o prazer o preenchimento do que temos falta, e é o nosso corpo quem sente que está preenchido ou não. Por exemplo, quando alguém sente falta de alimento e sofre por estar com fome, sente prazer quando se alimenta e se satisfaz. Entretanto, como sabemos os prazeres são diversos. Entre eles estão os que nos dar prazer, porém pode nos fazer mal. Por exemplo, o doce que não faz bem a quem está com diabetes. E do mesmo modo existe o prazer que faz bem, como o de aprender. Vemos então que o prazer não é o bem mais desejado, da mesma forma que não desejamos todos os prazeres.

Vale dizer, é de mister guardar-nos de excessos e sermos moderados em todas as coisas, especialmente nos prazeres. Desde que a virtude resulta da justa medida em cada ação, ela por sua vez, torna fácil observar a justa medida: abstendo-nos dos prazeres sensuais, tornando-nos temperantes: uma vez temperantes, podemos obter-nos mais que os outros. E, todavia, a mostra de haver conquistado uma virtude é o prazer que com ela provamos (ARISTÓTELES, 2015, p.52).

Dessa forma, deve-se determinar ao prazer a justa medida e nos preservar dos excessos. Cada atividade é intensificada pelo prazer que proporciona. Pois, o que nos dar prazer é o que fazemos com maior precisão e dedicação. Por exemplo, quem gosta de música pode progredir nessa área, pois sente prazer no que faz. Por outro lado, quem não gosta de matemática sente sofrimento ao realizar um cálculo. Cada um possui seu tipo de prazer, nesse

sentido lembramos da fala de Heráclito: “um burro prefere a palha ao ouro” (HERÁCLITO *apud* ARISTÓTELES, *EN X 1179A8*). Porque a comida é mais importante para esse animal do que o ouro.

Contudo, o homem bom age certo e o mal age errado, por tendência do prazer. Ainda segundo Heráclito “De resto, é ainda mais difícil combater o prazer do que a ira” (HERÁCLITO *apud* ARISTÓTELES, *EN II 1105A8*). Todavia, são pelas práticas de atos justos que se gera o homem justo e por atos temperantes; o homem temperante. Mas só a teoria não é o bastante, pois ninguém fica curado ouvindo as prescrições do médico. Assim como ninguém se tornara sábio fazendo um curso de filosofia.

O que devemos fazer é estabelecer limites em nossas ações, entendendo que o caminho correto é a justa medida, isto é, a vida virtuosa. Vimos que naturalmente somos levados a buscar o prazer e se afastar do que nos traz sofrimento. Visto que “não se deve, portanto, combater o prazer, pois ele torna colorida a nossa vida, tanto assim que todas as nossas ações tem por norma, mais ou menos, o prazer ou a dor” (ARISTÓTELES, 2015, p. 53). Deve-se, portanto dar valor ao prazer e determinar a forma certa de usa-lo virtuosamente.

2.3 DISCUSSÕES ACERCA DA VIRTUDE

Oriunda do grego, a palavra *aretê* (virtude¹⁸) quer dizer excelência, seria uma certa capacidade do sujeito e essa não possui nenhuma relação com a natureza humana, mas se dá através da construção de ações virtuosas. “Daqui resulta evidente que nenhuma das excelências éticas nasce conosco por natureza” (ARISTÓTELES, *EN II 1103A18*).

Aristóteles afirma que é muito difícil uma pessoa ser virtuosa, pois não é fácil levar uma vida temperante, principalmente para os jovens. Seria preciso que fossem educados desde a sua infância. A respeito da virtude ser ensinada nos faz lembrar uma frase de Sócrates no *Mênon* de Platão¹⁹, quando ele é questionado por um escravo se a virtude pode ser ensinada ou se ela é adquirida através da prática, ou se ainda é da própria natureza humana, Sócrates responde que não é possível saber como adquirir a virtude sem primeiro conhecer o que é a virtude.

A tese é que primeiro aprendemos (passamos a ver) o que é nobre e justo não por experiência de uma série de instâncias ou indução a partir destas, nem por intuição (intelectual ou perceptiva), mas aprendemos a fazer coisas

¹⁸ Virtude é a excelência moral. É fazer o que é certo moralmente.

¹⁹ PLATÃO, *Mênon* 70A1.

nobres e justas, habituando-nos a uma conduta nobre e justa (ZINGANO, 2010, p.161).

Aristóteles chega a discutir se a educação dos mais moços deve ser feita pelos pais ou pela sociedade. Ele chega à conclusão de que a família através de bons exemplos também contribui para que seus jovens sejam virtuosos. Esse preparo deve ser de tal modo que ao praticar ações justas o jovem possa descobrir que tais ações são verdadeiras, por si próprio, o que daria confiança ao ensino e esse juízo se tornaria parte da sua natureza.

Contudo, a felicidade é uma atividade conforme a virtude perfeita, e se faz necessário conhecer a natureza da virtude como forma de melhor compreender a natureza da felicidade, para auxiliar nesta empreitada a política apresentará os elementos que caracteriza a virtude que nos remete a felicidade, ademais, a virtude que queremos conhecer é a virtude humana, visto que o bem e a felicidade que queremos alcançar são o bem e a felicidade do homem. “A felicidade tem a ver com virtude, dado que a virtude é equivalente ao bom estado da alma humana e visto que permite à alma realizar bem a sua função apropriada” (ZINGANO, 2010, p. 413).

A virtude moral não é por natureza gerada em nós, mas é adquirida através do hábito, pois através dela somos capazes de realizar ações justas. O homem é um ser moral, por que é um ser político. E é um ser político por sua natureza humana. E só adquirimos as virtudes em um processo de cristalização do nosso caráter. “As excelências, então, não se geram em nós nem por natureza, nem contra a natureza, mas por sermos de tal modo que podemos, através de um processo de habituação, acolhê-las e aperfeiçoá-las” (ARISTÓTELES, *EN* II 1103A24).

Toda virtude é gerada e destruída pelas mesmas causas e pelos mesmos meios, e é através da prática que nos moldamos e conhecemos o modo correto de agir, isto implica que, dependendo da maneira como agirmos, somos considerados bons ou maus. Como vimos não nascemos íntegros ou falhos por natureza, mas é pelo hábito de tais práticas que nos moldamos, por isso é importante atentar para o que fazemos e como fazemos.

Outro fator importante nesta compreensão é o que acontece com a temperança, a coragem e demais virtudes, estas precisam da mediania, pois estas se destroem pelo excesso ou falta. Neste sentido, devemos procurar equilibrar as nossas forças e controlar nossos desejos, porque eles possuem uma inclinação natural para buscar o prazer e fugir da dor, assim a tarefa da ética será educar nosso desejo para que não se torne vício e colabore com ação por meio da virtude. “Logo, a virtude versa os afetos e ações, nos quais o excesso é erro

e a falta é censurada, porém o meio neles se enquadra com justeza, e é louvado: e estas duas condições são próprias da virtude” (ARISTÓTELES, 2015, p. 57).

Contudo, a virtude está no meio, entre dois extremos, sejam elas a covardia e a coragem, licenciosidade e a insensibilidade, para equilibrar tais extremos, assim se fazem necessário à temperança como moderadora, assim a virtude é o acordo entre o desejo e a razão. O meio termo que procuramos deve ser em relação a cada um em particular.

O meio relativamente a nós, contudo, é à medida que não tem a mais nem tem a menos. Uma tal medida não é uma nem a mesma para todos. Por exemplo, se 10 for muito e 2 pouco, 6 supõem-se ser o meio de acordo com a coisa...Porém, o meio considerado relativamente a nós não pode ser tomado desta maneira. Porque se para alguém 10 kg de comida é muito e 2 kg pouco, o treinador não vai prescrever 6 kg de comida só por ser o meio, porque uma tal quantidade de comida tanto poderia ser muita como pouca para quem a come (ARISTÓTELES, *EN* II 1106A33).

Assim, precisamos evitar o excesso e a falta e encontrar a justa medida em relação a nós. Da mesma forma, em relação as nossas atividades e seus resultados, dizemos que um trabalho realizado é bom quando não é preciso acrescentar e nem tirar nada.

A excelência é, portanto, uma disposição do caráter escolhida antecipadamente. Ela está situada no meio e é definida relativamente a nós pelo sentido orientador, princípio segundo o qual também o sensato a definirá para si próprio (ARISTÓTELES, *EN* II 1106B37).

Para praticar um ato virtuoso, é preciso obedecer a três regras básicas: primeiro o agente conhece ou sabe o que faz; em segundo lugar, ele escolhe a ação e a executa por si mesmo, isto é, o agente é o princípio da ação; e por último ele realiza a ação, graças a uma disposição interior e permanente, quer dizer, por meio da virtude, e por isso a excelência do agente é o fim da ação. Por exemplo, desejamos ter um carro e percebemos que podemos conseguir por meio de um roubo ou uma compra. Deliberamos sobre roubá-lo ou comprá-lo, escolhemos comprar, pois ao realizar a compra alcançamos o desejável. Assim, temos os seguintes passos: desejo, percepção, deliberação, escolha preferencial e ato. Esse processo se dá através da razão, onde o homem primeiro toma conhecimento do que é correto fazer e logo após escolhe a forma certa de agir voluntariamente. Pois, é uma disposição que resulta de sua capacidade racional. Logo, a virtude é uma disposição, e não um desejo, um hábito adquirido, uma disposição constante para agir racionalmente e este hábito é um exercício da vontade sob orientação da razão, para examinar os meios e escolher os fins, sem cair em extremos. “Dissemos, ao invés, que a vontade é do fim. Mas, aqui, alguns acham que ela seja do bem; outros, daquilo que parece bom” (ARISTÓTELES, 2015, p. 69).

Contudo, este cuidado deve ser permanente, pois somos enaltecidos ou censurados pelas nossas virtudes ou vícios, mas o homem que traz em si a sabedoria prática possui certamente a mediania de modo que há um equilíbrio em todas as suas ações. Pois o que está acima de todas as sensações, paixões, vícios e demais excessos é o desejo de ser feliz.

Ainda, existem os atos voluntários e os involuntários. Mas esses atos dependem do momento da ação. O homem age voluntariamente. Mas alguém pode forçá-lo a fazer algo, e isso seria involuntário. Porém, o que se faz por ignorância não é voluntário, porque o agente nessa condição não tem consciência de que sua ação está errada. O embriagado, por exemplo, age sem conhecer o que faz. Às vezes também agimos sem querer, por exemplo, um homem que ataca o seu filho após o confundir com um inimigo. Isso seria a ignorância. O que se faz por ignorância é involuntário. Enfim, o voluntário é aquele que tem conhecimento das circunstâncias do seu ato. E existem aqueles que são imaturos que não possuem uma compreensão segura do bem, eles possuem um desejo de fazer alguma coisa, mas em uma paixão contrária acabam fazendo outra coisa. Nesse caso o apetite²⁰ domina a razão.

Porém, o homem dotado de virtude e conhecimento prático não pode ser ignorante e não tem razão para ser. “A condição adicional consiste em que tudo isso deve proceder de um caráter firme e imutável, isto é, constitui a segunda natureza do homem virtuoso amar e encontrar seu maior prazer naquilo que ele sabe ser bom” (ZINGANO, 2010, p.182).

Assim, a escolha de um ato parte de um princípio racional. “O homem dotado de sabedoria prática delibera corretamente acerca do que é bom e vantajoso para si mesmo com referência ao objeto supremo de bem viver” (ZINGANO, 2010, p. 180). Nos deliberamos sobre as nossas escolhas, e o objeto da escolha é aquilo que está ao nosso alcance. Portanto, a escolha é um desejo deliberado que visa alcançar o bem supremo.

2.3.1 A constituição da alma

A alma humana possui excelências, umas são disposições éticas²¹ e outras disposições teóricas²². Existem duas dimensões: uma é a razão e a outra a incapacidade de razão. E enquanto razão a alma é constituída de duas partes: os princípios mutáveis e os imutáveis. A forma de chegar a cada uma dessas partes é diferente, pois cada forma possui um gênero distinto. Assim são os gêneros: [...] “um corresponde à possibilidade de formação de ponto de vista científico; outro, à possibilidade de cálculo, ou seja, mais propriamente a

²⁰ É o mesmo que desejar ardentemente, que dificilmente obedece a razão.

²¹ Disposição do caráter.

²² Disposição do pensamento teórico.

possibilidade de deliberar e de calcular” (ARISTÓTELES, *EN VI* 1139A14). Quando Aristóteles fala sobre o ponto de vista científico ele está se referindo a parte da alma que não pode mudar. Já quando se refere à possibilidade de cálculo está se tratando da parte da alma capaz de deliberar através da razão, aqui pode haver mudanças.

Para chegarmos ao conceito de virtude devemos estudar o significado da alma, através da sua constituição, isto é: a racional e a irracional (sensível). Isto se faz necessário, porque estes dois lados estão profundamente imbricados, e ambas as partes são inseparáveis. Se por um lado, temos o elemento racional que nos impulsiona na busca das virtudes, temos por outro lado, o elemento irracional, que nos leva para outros caminhos resistindo à ação do seu contrário. Tendo claro estes dois lados distintos, sabemos de nossa dualidade.

Igualmente, nos raciocínios exotéricos²³ são ditas suficientemente algumas coisas da alma das quais devemos agora fazer uso. Por exemplo, que dela há uma parte privada de razão e uma parte racional. Que estas, pois, sejam distintas como as partes do corpo, e como todas as coisas que se podem separar, ou então sejam duas idealmente, mas não aptas por natureza a serem divididas, assim como há na circunferência o convexo e o côncavo-presentemente não faz nenhuma diferença (ARISTÓTELES, 2015, p. 48-49).

Contudo, o lado irracional obedece ao princípio racional, sobretudo as pessoas temperantes e valorosas, de sorte que estes elementos constituem o seu ser. Por sua vez, a virtude²⁴ se divide em duas espécies, temos as virtudes intelectuais²⁵ e as virtudes morais²⁶, as virtudes intelectuais são as que se referem apenas à função racional ou intelectual, trata-se, portanto da excelência e perfeição da alma racional, estas são ensinadas, e precisam de tempo e experiência.

Sendo a virtude de duas espécies, uma *dianoética* e outra ética, a *dianoética*, ademais, gera-se e acresce por via do ensinamento, e tem por isso necessidade de experiência e de tempo; ao invés, a virtude ética provém do hábito (*ethos*: donde também o seu nome) (ARISTÓTELES, 2015, p. 51).

Igualmente, as virtudes morais não são produtos naturais ou imanentes, não nascemos virtuosos, mas somos condicionados, visto que temos as capacidades de

²³ Exotérico vem da palavra grega *exoterikós* e tem referência aos ensinamentos que eram passados ao público em geral sem retenção, e não apenas aos alunos do Liceu, pois se tratava de ensinamentos dialéticos, prováveis e possíveis.

²⁴ A virtude se mostra com um desenvolvimento parecido com o da alma.

²⁵ Aqui a alma é seguida pela razão, para assim se gerar o primeiro grau de virtude humana. Esse grau tem o nome de virtude ética.

²⁶ Seria as virtudes físicas e que provém da natureza (*physis*). E temos em comum com todos os seres vivos. A moral realiza-se no Estado, pois, nele se adquire com educação e costume. E tais são estabelecidas pelas leis.

desenvolver tais virtudes, isso depende, é claro, de nossas disposições, ações e, sobretudo o hábito cotidiano, pois é praticando que aprendemos e aprimoramos tais virtudes.

A virtude se diferencia de dois modos, as *dianoéticas*: a inteligência, que está relacionada com a aprendizagem, necessita de experiência e demonstra o bom estado da parte racional da alma; e as éticas: não racional, mas capaz de obedecer às ordens da razão, que é produto do hábito, é por causa das virtudes éticas que a parte não racional efetua bem sua atividade. “Enfim, a ética aristotélica reconhece a primazia das virtudes *dianoéticas*²⁷, contemplativas, sobre as virtudes éticas, ativas; a combinação do desejo e do intelecto sobre a prática e a vontade” (ROCHA, 2009, p. 11). Ou seja, as virtudes *dianoéticas*, que é a capacidade racional, são superiores as virtudes éticas que são não racionais. Assim sendo, as virtudes éticas dependem das *dianoéticas* para controlar o modo de agir. Nenhuma virtude ética é constituída por natureza, já que o que provém da natureza do homem não pode ser modificado.

Nenhum, com efeito, dos seres naturais toma hábitos diversos: por exemplo, a pedra, levada pela natureza para baixo, nunca se habituaria a alçar-se para cima, mesmo que alguém, para habituá-la, a atirasse para o alto dez mil vezes, tampouco o fogo jamais iria para baixo, nem nenhum outro dos seres naturais poderia nunca ser habituado de outro modo (ARISTÓTELES, 2015, p. 51).

Portanto, as virtudes não são geradas pela natureza no homem, mas somos capazes pelo hábito de tomar posse delas e nos tornarmos perfeitos através da prática. Por isso, só nos tornamos virtuosos, praticando as virtudes, como qualquer outra coisa em nossa vida que precisa da prática. Nesse contexto, Aristóteles acrescenta:

[...] desta maneira, construindo nos tornamos construtores; tocando cítara, citaredos. E assim de igual modo, tornamo-nos justos, operando coisas justas, temperantes e fortes, operando coisas fortes (ARISTÓTELES, 2015, p.52).

E quem assim não procede nunca se tornara bom. Pois, o hábito interfere na construção moral.

Logo, é a virtude um hábito de propor-se o que consiste na medianidade para nós, determinada com a razão e como o homem sábio a determinaria. E é uma mediania entre dois vícios, um por excesso e outro por falta: porque, enquanto dos vícios alguns faltam e outros excedem da medida conveniente, quer nos afetos quer nas ações, a virtude, ao invés, encontra o meio (ARISTÓTELES, 2015, p. 58).

Porém, não podemos enxergar o hábito como mera habilidade de praticar coisas justas, pois justo é o homem que pratica justiça e segue as regras morais. As virtudes são

²⁷ Aristóteles julga as virtudes particulares da parte intelectual da alma, opostas as virtudes éticas ou morais, referentes à parte da alma que apesar de privada de razão, pode em certo modo obedecer à razão.

características do homem, que as conquista e conserva com os hábitos, isso é o que Aristóteles chama de disposições do caráter, pois, são estáveis e difíceis de serem mudadas.

2.3.2 A ética no conceito de amizade

Dentro do discurso sobre a virtude, existe um exame sobre a relação humana, denominada amizade, que por sinal, envolve os seres humanos. “Mas primeiramente amizade, no sentido autêntico do termo, é a que existe entre homens de bem pelo simples fato de serem bons em si próprios” (ARISTÓTELES, *EN VIII 1157A31*). Isto é, são amigos porque existe algo de bom e semelhante que os une, que é a virtude. Esse tipo de amizade não é muito frequente, mas quando acontece tende a ser permanente, porque um amigo encontra no outro todas as qualidades necessárias para manter a amizade.

Existem três formas de amizade: a amizade por causa da virtude, de prazer e de utilidade, que atuam de diferentes formas. Quem é amado pelo que tem para oferecer ou pelo prazer que pode proporcionar, não é amado pelo que realmente é, mas é amado pelas circunstâncias e só é solicitado pelo que pode proporcionar. “A amizade de prazer é própria dos jovens, que não podem ainda compreender outras; a de interesse é frequente nos velhos, que já não sabem compreender outras” (ARISTÓTELES, 2015, p. 97).

A verdadeira amizade é a da virtude, aqui o amigo é amado pelo que ele realmente é não pelo que ele tem pra dar, nem pelo prazer que ele pode oferecer. Quando encontramos alguém assim, obteremos junto com a virtude as outras duas, porque um amigo virtuoso será também caridoso e teremos prazer em sua companhia. “Contudo, a amizade implica reciprocidade. Ora a reciprocidade na amizade implica uma decisão. Uma decisão, por outro lado, apenas pode ser tomada a partir de uma disposição do caráter” (ARISTÓTELES, *EN VIII 1157B31*). Portanto, para Aristóteles o que interessa não é a intensidade do sentimento de amizade, mas a sua reciprocidade. Essa amizade verdadeira demora a surgir, pois é preciso existir confiança de ambas as partes.

Um homem não pode ser saudável apenas por ter decidido ser saudável, e homens não podem ser amigos apenas por terem decidido serem amigos. É impossível ter o melhor gênero de amizade com mais de uns poucos homens, em parte por que não se pode ter esses sentimentos para com muitos homens, e em parte por que amigos precisam ser testados pela experiência (BARNES, 2009, p. 295).

A amizade se fundamenta, também, dentro de uma comunidade, e nesse caso, existem três modos: a amizade por interesses comum, a familiar em um ambiente doméstico e entre companheiros sem nenhuma finalidade. A primeira representa a política que abarca todas as outras; a segunda a família que demonstra o amor aos pais, filhos e ou companheiros;

e a terceira é a amizade verdadeira. “Na amizade, ao invés, o que é fundamental é a igualdade dos indivíduos, dentre os quais, se houver uma distância pela inteligência, ou pela fortuna, ou por outro motivo, não é possível a amizade” (ARISTÓTELES, 2015, p. 98). Portanto, o tipo de amizade que Aristóteles defende é aquela entre pessoas virtuosas sem nenhum tipo de interesse, onde as partes se tratam de forma igual, independente das diferenças que possam existir. Pois, quando o homem é virtuoso não se importará com tais diferenças.

A autêntica igualdade é a da virtude, onde um vai querer sempre o melhor para o outro. Só a virtude tem o poder de fazer isso e para a vida toda, pois, quem tem virtude não trai os seus amigos. “Quando dois amigos são virtuosos, amam-se reciprocamente, porque ambos amam a mesma coisa: o bem, e a beleza da virtude. O mau, ao contrário, não amando verdadeiramente a si mesmo, tampouco é capaz de amar os outros” (ARISTÓTELES, 2015, p. 98).

Aristóteles se pergunta em seu argumento se quem é feliz precisa realmente de amigos, e logo após chega à conclusão de que não é possível alguém ser feliz e ao mesmo tempo não possuir nenhum amigo.

Pensa-se também que a vida de uma pessoa feliz deve ser agradável. Mas para o solitário a existência é difícil, porque não é fácil manter em exercício continuamente uma atividade apenas a partir de si próprio, mas é mais fácil quando ela é exercida com a ajuda dos outros e é dirigida para os outros (ARISTÓTELES, *EN IX 1170A4*).

O certo mesmo é que o homem feliz conviva com outros homens virtuosos. Porque eles não teriam uma relação de interesse ou de prazer, pois o homem feliz não precisa de amigos falsos. “O que é escolhido por si próprio terá de existir conosco para sempre, ou então sentiremos para todo o sempre a sua falta. Assim, para se ser feliz são necessários amigos sinceros” (ARISTÓTELES, *EN IX 1170B18*). O homem feliz encontra no amigo sincero uma exibição de si próprio. Se alguém faz uma promessa a um amigo e depois percebe que cumprir tal promessa lhe causara prejuízo e não cumpri, ele não está sendo um sujeito ético. E a amizade entre eles será prejudicada e também sua felicidade. Se esta pessoa resolve cumprir a promessa mesmo sabendo das consequências que trará para si ele estará seguindo as normas que ele aceita e reconhece como obrigatórias e entende que deve agir de tal maneira, nesse caso ele agiu moralmente. Isso faz parte de um comportamento afetivo com base em um comportamento reflexivo e não espontâneo ou natural.

Assim, a ética é vivenciada em nosso convívio com os outros. E através da prática nós tornamos sujeitos éticos. Ela encontra na razão a possibilidade de agir através da sabedoria prática que alcançamos através do hábito de ações moralmente corretas em relação

aos costumes e as leis da comunidade que o homem está inserido. Portanto, a ética das virtudes leva o homem à moralidade, conseqüentemente, um homem ético é um homem virtuoso e quanto mais virtuoso, maior será a sua felicidade. Aristóteles expõe o modo de adquirir a virtude como um desenvolvimento e cristalização do caráter. A ética de Aristóteles é a ética da *eudaimonia*²⁸, ou bem estar, como resultado de uma vida ética. Assim, para alcançar a vida feliz é preciso viver segundo a razão e conseqüentemente de acordo com as virtudes éticas.

²⁸ *Eudaimonia* é regularmente traduzida do grego como felicidade. Seria a doutrina que defende a felicidade como objeto da vida humana, como finalidade natural.

3 A EUDAIMONIA COMO RESULTADO DA AÇÃO ÉTICA

A ética não oferece uma norma de ação para cada situação do cotidiano. A ética diz, em geral, como deve ser um comportamento baseado por normas visando o bem pelo ato moral. Por isso, Aristóteles estabelece o problema teórico a fim de definir o que é o bem e não dizer o que cada sujeito precisa realizar em cada situação particular para sua ação ser considerada boa. “Muitas teorias éticas organizaram-se em torno da definição do bem, na suposição de que, se soubermos determinar o que é, poderemos saber o que devemos fazer ou não fazer” (VÁZQUEZ, 2008, p. 18).

O bem não é inalcançável, ele deve ser atingido pelo homem através da sua atividade. No entanto, existem diversos bens e devemos procurar aquele que tem um fim em si mesmo. Essa conquista se dá através das virtudes e não por normas de ação. Pois, o homem que possui as excelências éticas sabe o que deve fazer e não é necessário um conjunto de regras para cada ação particular. Assim, a razão prática deve guiar o homem e as virtudes são reveladas na forma de agir, enquanto sabedoria prática que guia para atingir o fim desejado.

Em, a *Ética a Nicômaco*, Aristóteles assegura que a finalidade principal que domina e fundamenta o modo do homem gerir sua vida é a felicidade, que, por sua vez, não está relacionada aos prazeres, nem tão pouco nos privilégios recebidos, como pensa a maioria das pessoas que levam a vida se dedicando à satisfação dos desejos, buscando reconhecimentos e juntando riquezas. Todavia, podemos encontrar a felicidade numa vida cheia de ações e condutas virtuosas. E o homem que possui a sabedoria prática, adquirida através do hábito, encontra no justo meio entre os extremos de seus atos e decisões, a virtude.

Desse modo, a felicidade é um princípio, e para alcançá-la, todas as nossas ações precisam ser moralmente boas, isto é, o nosso modo de ser ou caráter deve ser motivado pela busca da felicidade, o sumo bem²⁹. Compreendê-lo é muito importante, pois influencia a maneira como procedemos e só assim chegaremos à felicidade, não apenas no âmbito subjetivo, mas também numa perspectiva intersubjetiva. Ou seja, a felicidade deve ser buscada não apenas para o sujeito em particular, mas deve ser pensada como um bem coletivo.

O sentido fixado por nós concorda com aqueles que dizem que a felicidade é a excelência ou uma certa excelência. O sentido da felicidade é uma certa atividade em exercício de acordo com a excelência. Isto é, não é pequena a diferença entre um bem supremo que existe como mera possibilidade e um

²⁹ Fim último para as ações humanas, também chamado de o melhor dos bens. Ele é objeto da ciência política, pois o bem não pode ser atingido individualmente, mas por todos, e o fim mais desejado é a felicidade.

bem supremo que esta efetivamente em uso (ARISTÓTELES, *EN I* 1098B30).

Então, a felicidade é uma atividade da alma de acordo com a virtude ou excelência perfeita que ele chama de *areté*,³⁰ e esta é adquirida por meio de boas práticas. Podemos interpretar que, assim como a felicidade é resultado de uma vida virtuosa, é possível que a infelicidade venha da ausência de virtude. Porque aquele que pratica atos maus e viciosos anda por pontos extremos, saindo assim o meio termo único meio para que se possa atingir a felicidade.

Aristóteles se preocupava acima de tudo com o bem do homem. A ética se ocupa do bem pessoal e da relação com o outro. A vida do homem deve ser dirigida pela razão e é aí que consiste a vida virtuosa. A felicidade, portanto, é o resultado do uso correto da razão: “Aristóteles caminha em boa companhia em sustentar que é a racionalidade que faz um ser humano idealmente bom” (ZINGANO, 2010, p. 54).

A felicidade é um fim em si mesma e para si mesma, e como tal é um bem prático e não teórico, é uma ação empreendida pelo sujeito, uma disposição constante do homem.

Para uns é alguma daquelas coisas óbvias e manifestantes boas, como o prazer, a riqueza ou a honra; para uns é uma coisa, para outros, outra - muitas vezes até para o mesmo podem ser coisas diferentes. Para quem está doente é a saúde, para quem é pobre, a riqueza. Tendo consciência da sua própria ignorância, muitos dizem ser qualquer coisa de monta, muito acima de suas capacidades, e que eles admiram. Alguns pensam ainda ser algo de bom em si próprio que vai além das muitas coisas boas, mas que é o fundamento responsável pela presença da bondade em todas elas (ARISTÓTELES, *EN I* 1095A20).

Com isso, Aristóteles retoma o caminho para a felicidade como algo atingível, que possa ser desenvolvido pelo homem, já que ela se apresenta de muitos modos, nas mais diversas circunstâncias e ações, mas o que buscamos é um fim absoluto, que independe de algo anterior ou posterior. “A felicidade deverá ser posta entre aqueles desejados por si mesmos, e não entre aqueles por outros; pois à felicidade nada falta, mas basta por si” (ARISTÓTELES, 2015, p. 117). Igualmente, a ação ética pertence ao gênero das ações que tem em si mesmas sua finalidade e que se referem ao que é possível de ser alcançado.

Ademais, a felicidade não é obra de um só dia, nem de pouco tempo, mas sim de uma vida inteira. Por ser uma atividade longa, é preciso começar, sem se perder em suposições ou questões supérfluas, donde, o primeiro passo é mais que a metade, ou poderíamos dizer que quem tem a vontade tem a metade, é meio caminho andado. Quando

³⁰ É a virtude por excelência, relacionada à noção de finalidade ou da atividade a que o homem se destina.

nos colocamos neste propósito, fica mais claro o ponto de chegada, ou melhor, o caminho a ser percorrido. Na abertura da *Ética a Nicômaco* Aristóteles escreve:

Toda a perícia e todo o processo de investigação, do mesmo modo todo o procedimento prático e toda a decisão, parecem lançar-se para um certo bem. É por isso que tem sido dito acertadamente que o bem é aquilo por que tudo anseia (ARISTÓTELES, *EN I 1094A1*).

Antes de iniciar a discussão e definir o objeto de estudo, no início de sua obra Aristóteles se indaga e nos mostra aquilo que seria a ciência política, que para ele é o bem de todos da cidade-estado, pois ela legisla sobre o que devemos aprender, sobre o que deve ser ensinado, o que podemos ou não podemos fazer, mas que também existe uma finalidade, que necessariamente abrange a finalidade das outras ciências, de maneira que essa finalidade seja o bem humano.

Contudo, as discussões referentes à ciência política tratam das questões da realidade, onde, por exemplo, um jovem inexperiente sobre os fatos da vida na concepção aristotélica não seria um bom ouvinte para as aulas de ciência política. Nesse sentido, vale ressaltar que a deficiência não é a idade, mas sim o modo de viver e de perseguir os objetivos da vida ao sabor da paixão.

Por outro lado, na *Ética a Nicômaco* Aristóteles afirma que todo o conhecimento e todo trabalho visa a algum bem, o bem supremo para o homem, essa que é a felicidade, onde o ser feliz equivale ao bem viver e o bem agir. Entretanto, é fácil perceber que este bem é variável, cada um o conceitua a seu prazer, porém, o que Aristóteles pretende é nos fornecer conhecimentos que nos levem a encontrar o bem genuíno e puro, aquele que tem um fim em si mesmo, a felicidade. Mas como alcançar este bem? “Já no princípio dissemos que a felicidade era uma certa atividade, e se é uma atividade é evidente que vem à existência, mas não como qualquer coisa que está sempre ao nosso dispor, como se fosse algo adquirido” (ARISTÓTELES, *EN IX 1169B25*). Assim, Aristóteles nos conduz a uma busca cuidadosa, que nos permite conhecer e exercer esta práxis.

Chegamos, assim, à vida contemplativa³¹, por sua vez, esta busca algo além do aparente, a vida feliz, a vida dos sábios, embora Aristóteles nos lembre que os que levam uma vida puramente contemplativa também precisam, dada a sua natureza humana, se dedicar a alguma prosperidade material. Embora a felicidade seja a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, ela precisa de bens exteriores para que se possa vivê-la de forma plena; assim

³¹ Apreciação das verdades que organizam o universo em que nos encontramos. “Essa atividade de contemplação é a melhor atividade acessível a nós” (BARNES, 2009, p.268).

como o indivíduo precisa de uma casa, trabalho e condições para bem viver, a felicidade precisa está arraigada na alma concretamente, já que os bens materiais são passageiros.

Desse modo, a *eudaimonia* aristotélica como resultado da ação ética é uma atividade da alma em conformidade com as virtudes perfeitas, visando um bem que pode ser tanto para si, como para os outros cidadãos. Tendo em vista que o bem da sociedade ou da *polis* é o mais importante, o bem a ser buscado deve ser aquele que beneficia a cidade inteira. “O que torna inevitável que o planejamento para realização do bem do ser humano seja por meio da política é o simples fato de que pessoas necessitam e desejam estar em comunhão social com outras” (ZINGANO, 2010, P. 47). Todavia, o homem é um animal político e para Aristóteles não há outra forma de vida que não seja em sociedade. Logo, a vida pública precede a vida privada. Por isso, a felicidade deve ser pensada, principalmente, como uma questão coletiva. Por isso, para viver feliz, é necessário proceder retamente e saber deliberar sobre tudo que se faz, a fim de alcançar o mais nobre e desejável bem, ou seja, a felicidade.

3.1 A FELICIDADE: UM BEM UNIVERSAL

Em toda a história da filosofia podemos perceber a questão do fim último, isto é, o *telos*³². E conhecer esse fim é muito importante, pois ele influencia a vida dos homens, “uma vez que não organizar sua vida em função de algum fim é sinal de notável insensatez” (ZINGANO, 2010, p. 42). Como cada ação leva a um fim desejado é importante saber qual fim se está buscando para que os comportamentos se ajustem em vista dele.

É uma marca de notável insensatez não organizar sua vida em função de algum fim. Talvez fosse melhor dizer que é impossível não viver de acordo com algum plano, que é insensato não tentar se esforçar para que esse plano seja bom. A inevitabilidade do plano decorre da constatação de que todo ser humano tem, e sabe que tem, um sem número de desejos e interesses que podem ser invocados como motivações ou casual e indiscriminadamente ou em sintonia com prioridades determinadas pelo propósito de viver o tipo de vida que julga apropriado a si (ZINGANO, 2010, p. 59).

Nesse sentido, Platão diz que é feliz aquele que cumpre bem a sua função: “Penso que agora entenderás melhor o que há pouco te perguntava, ao interrogar se a função de cada coisa não era aquilo que ela executava, ou só ela, ou melhor, do que as outras” (PLATÃO, *República* I353A). E em cada função realizada bem existe uma virtude: “Ora bem! porventura os olhos cumpririam bem a sua função, se não tivessem a sua virtude própria, mas um defeito

³² Segundo o dicionário de filosofia Abbagnano, 2007, p.457, *Telos* é termino ou perfeição, no sentido de que é algo terminado e perfeito e nada lhe falta para ser.

em vez dela?” (PLATÃO, *República* I353C). O que Platão defende é que todos possuem uma função própria que deve ser realizada de forma excelente, todos que conseguirem desempenhar bem a sua função serão felizes e contribuirão para o bem da cidade que ele idealizou.

Por outro lado, Platão defende que a felicidade está na contemplação do mundo das ideias,³³ o que Aristóteles trata como algo vazio, pois seria impossível alcançá-la, e mesmo que chegássemos a conhecê-la seria impossível pô-la em prática. Por isso, Aristóteles nega que conhecer a ideia de bem possa ser suficiente para a felicidade. “O mesmo acontece também com o sentido das ideias. Na verdade, se o bem predicado em comum é algo de uno ou separado em si segundo si próprio, é evidente que não pode ser realizável pela ação humana nem pode vir a ser por ela alcançado” (ARISTÓTELES, *EN* I 1096B33-35). A finalidade das investigações do estagirita não é teórica, mas prática. E ele não se limita em saber o que é a felicidade, o que conta é ser verdadeiramente feliz, Aristóteles ver o bem de Platão como algo que não pode ser colocado em prática nem alcançado pelo homem. “De nada serve para o médico, saber o que é a saúde de maneira geral, pois seu objetivo é preservar ou restabelecer a saúde do homem e não alguma coisa como a saúde em geral” (ZINGANO, 2010, p. 391). Isso parece óbvio, mas nos faz compreender que aquilo que todos buscam não é compreender a felicidade em geral, mas a felicidade do homem. Então, não importa se sabemos o conceito de felicidade, o que vale mesmo é encontrá-la.

Portanto, a felicidade é o fim³⁴ ou sumo bem do homem. Esse fim é chamado de *eudaimonia*, entendida como a vida plena³⁵. Porém, a *ευδαιμονία* não é apenas um objetivo a ser alcançado, mas, agir bem em toda a vida, sem esperar uma gratificação no final dela.

³³ Para Platão por traz da realidade material que estamos acostumados a ver existe outra, e essa é abstrata. É como se tudo que nossos olhos podem ver tivessem uma forma no mundo das ideias. Lá estão todas as primeiras ideias perfeitas e que não mudam, isto é, nesse mundo tudo é eterno e perfeito. Aristóteles não aceita essa teoria do mundo das ideias, porque por mais que ele considerasse a parte teórica ou intelectual, o estagirita nos propõe que essa vida contemplativa é importante para a vida terrestre em sociedade e para alcançar a vida feliz é preciso aliar a vida contemplativa com a prática das demais virtudes.

³⁴ Fim aqui não quer dizer último lugar, mas significa completude ou acabamento e pode ser atingido antes do fim da vida.

³⁵ A tradução da palavra *eudaimonia* é um pouco difícil, pois, alguns comentadores optam por usar a própria palavra grega transliterada, enquanto a maioria traduz por felicidade, palavra que preferimos usar em nosso trabalho, usamos também vida plena, sumo bem, vida boa, todos com o mesmo sentido. No Brasil existe uma dissertação de Priscilla Spinelli de 2005 e orientada pelo professor Balthasar Barbosa, apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que possui no anexo uma observação a respeito da tradução desse termo, ela indica que as características que Aristóteles confere a *eudaimonia* aparta qualquer chance de subjetivismo, que é um dos obstáculos empregados por tradutores e comentadores para a definição de um termo que exprima de modo correto a concepção aristotélica. Mesmo usando o termo felicidade sabemos que a *eudaimonia* não é um sentimento, e entendemos que ela não é qualquer felicidade como é colocada por quem é contra o uso desse termo, ela é uma atividade da alma de acordo com a razão e em conformidade com a virtude perfeita, como já foi dito em nosso trabalho.

“Aristóteles explica que o conceito de *eudaimonia* é o de uma vida plena e perfeitamente satisfatória” (ZINGANO, 2010, p.117). E embora pareça existir diversos fins últimos, na verdade só existe um, e os outros são apenas meios para alcançar o principal. “Assim, o fim mais final é aquele que nunca é buscado em vista de algo outro, visto incluir todos os fins últimos” (ZINGANO, 2010, p. 113). Assim, cada um tem um fim que deseja alcançar, alguns desses fins são buscados tanto em vista alcançar outros. O sumo bem, ao contrário, sempre é buscado por ele mesmo e se existir vários fins, o sumo bem será o mais perfeito.

Porque assim como o ser se diz de vários modos, segundo as categorias, assim também o bem se diz de vários modos, Aristóteles e os Pitagóricos³⁶ chegam a uma concepção mais plausível acerca do bem, pois o isolam, e o deixa puro e livre de outros atributos. Esse bem é o bem supremo que é universal e desejado por todos.

“O bem que cada um obtém e conserva para si é suficiente para se dar a si próprio por satisfeito; mas o bem que um povo e os Estados obtêm e conserva é mais belo e mais próximo do que é divino” (ARISTÓTELES, *EN I 1094B5*). Esse bem deve fazer parte de uma ciência que está mais elevada que outras. Essa ciência como já vimos é a política. Pois o supremo bem deve ser buscado para a comunidade, com um projeto conjunto onde todas as ações virtuosas individuais são vistas por todos. Como se fosse um projeto em conjunto, de viver segundo as virtudes em sociedade. Já que, é na *polis* que esse bem viver se torna possível, caso os cidadãos vivam de forma virtuosa.

Como fim mais desejado a felicidade possui vários predicados. “Na medicina, a saúde, na estratégia militar, a vitória, na construção civil a casa, e para cada prática e em toda escolha de preferencia há um fim. Em vista deste todos põem em prática o restante como meio para alcançar” (ARISTÓTELES, *EN I 1097A15*). Com efeito, a felicidade está associada a uma noção de falta, conforme vimos anteriormente. No entanto, não há uma mudança no que é a felicidade, e sim na percepção que temos dela.

Todavia, a felicidade não está no passado e menos ainda no futuro, não sendo necessário viver num estado de hibernação esperando o tempo favorável. Ademais, ninguém vive sem correr riscos, os desafios e obstáculos são inerentes à vida dos homens, por isso, a felicidade, está no momento presente, o que nos obriga, necessariamente, a ir ao seu encontro. Assim, somos postos diante do sucesso e do fracasso, como enfatiza Aristóteles, pois são

³⁶ A teoria Pitagórica não considera a unidade como transcendente ou separada das coisas, do mesmo modo quanto ao bem que seria o uno, não estaria separado dos outros bens, mas seria um por si só, ou seja, ele pode estar em tudo, mas nada está nele. No caso de Aristóteles o bem é algo final desejado pelo homem e ele é encontrado em vista de si mesmo, diferente dos outros bens que são procurados com a intenção de encontrar a felicidade. Por exemplo, quem busca a saúde quer ficar curado para ser feliz, quem busca honra quer ser honrado para ser feliz. Assim a felicidade está em tudo que o homem procura, mas nada está nela.

nossas escolhas que nos conduzem para a felicidade, porém o fator determinante são as nossas atitudes que por sinal devem ser virtuosas, porque do contrario nos levam para os infortúnios, diferente das nossas atividades virtuosas que nos impulsionam a agir com disposição e racionalidade, inteiramente compatível com a condição humana.

Depois de analisarmos alguns aspectos a respeito da felicidade, sobretudo as circunstâncias e contingências que a caracterizam, se faz necessário saber: em que posição a colocamos? Nesse sentido, Aristóteles localiza-a entre as coisas estimadas ou louvadas, pois é considerada um bem em si e, não precisa, necessariamente, ser qualificada, mas distinguida em relação aos outros bens. “Para nós resulta, então, evidente do que foi dito que a felicidade se encontra entre as coisas de valor inestimáveis e completas” (ARISTÓTELES, *EN* I 1102A1).

Além disso, Aristóteles nos apresenta exemplos a respeito destas definições. Para ele quando louvamos algo, louvamos suas ações e conseqüentemente seus resultados. Portanto, acreditamos que a felicidade seja um bem louvável, porque confere ao sujeito um diferencial e, sobretudo, é resultado de sua busca constante, por exemplo, quando vemos a história de Mandela, vemos algo extraordinário e sobre-humano, por isso admiramos, pois se sobressai ao comum. Desta forma, existe um bem que é mais preferível que os outros, este é mais louvável e desejável por si mesmo, e é chamado bem supremo. Assim a felicidade é a união dos outros bens, pois todos os outros remetem a ela, é como se os bens particulares por um lado equivalessem à potência e o bem universal que é a felicidade, por outro lado, correspondesse ao ato.

3.2 A FELICIDADE É AUTOSSUFICIENTE E PERFEITA

Aristóteles relata na *Ética a Nicômaco* que há uma infinidade de fins e cada homem escolhe um deles. Mas, nem todos os fins conseguem chegar a uma completude absoluta, porque apenas o sumo bem consegue ser completo absolutamente.

É evidente que temos de supor que a felicidade é uma certa atividade das que são escolhidas segundo si próprias enquanto fins e não das que são meios para quais quer outros fins, porquanto a felicidade não carece de nada; basta-se a si próprio (ARISTÓTELES, *EN* X 1176B1).

Esse bem supremo e completo é aquele fim que é escolhido por si próprio e não visa chegar a outro fim que não seja ele mesmo. A esse respeito, temos:

O fim que é sempre buscado em vista de si mesmo e nunca em vista de algo outro. Tal fim continua ele, é a *eudaimonia*: pode haver uma profusão de

coisas (como o prazer e a virtude) que valoramos por elas mesmas, mas, apesar disto, dizemos também que as valoramos em vista da *eudaimonia*, ao passo que ninguém jamais busca a *eudaimonia* em vista de alguma delas (ou, em geral, em vista de qualquer outra coisa que não a própria *eudaimonia*). (ZINGANO, 2010, p.110).

Nesse sentido o estagirita afirma que a *eudaimonia* é mais desejada do que qualquer coisa, pois tudo que desejamos está nela, e como diria Zingano:

Ela é a melhor, e melhor do que tudo mais, não como bacon é melhor do que ovos e do que tomates, mas como bacon, ovos e tomates é um café da manhã melhor do que só bacon, só ovos, ou só tomates é, com efeito, o melhor café da manhã sem qualificação (2010, p. 111).

Com isso, o supracitado autor mostra que não há nada que possa ser comparada com a *eudaimonia*. Quando Aristóteles diz que ela é a melhor coisa do mundo, não é o mesmo que dizer que bacon é melhor que ovo, mas é dizer que ela é um café da manhã completo e mais saboroso de todos.

A felicidade é autossuficiente e não é carente de nada. Ela não está na recreação, pois a recreação não é a última finalidade da nossa vida e ninguém se esforça simplesmente para se divertir. O divertimento é apenas um relaxamento. Como diria Aristóteles: “A felicidade não consiste, pois em tais formas de passar o tempo, mas nas atividades que se produzem de acordo com a excelência” (ARISTÓTELES, *EN X 1177A10*). A felicidade é igual á virtude. Porque para ter uma vida virtuosa precisa-se de esforço e não de lazer. Na verdade, os divertimentos trazem mais prejuízo do que utilidade, pois em estado de lazer o homem esquece-se dos cuidados do próprio corpo algo, fundamental para o grego, além de esquecer os seus afazeres da vida política.

Logo, a felicidade não consiste nos divertimentos, porque seria deveras absurdo fazer deles o fim, e trabalhar, e suportar os males durante a vida inteira com o escopo de divertir-se. Quase todas as coisas desejamos em vista de outras, tirando a felicidade, a qual é, ela mesma, o fim. Lutar e se afadigar com o escopo de divertir-se parece coisa tola e bastante pueril (ARISTÓTELES, 2015, p.118).

Logo, a felicidade não está em passatempos, mas em atividades virtuosas. Porém, a maioria das pessoas acreditam que a felicidade está no lazer. Por isso trabalham a semana inteira para ter apenas um dia ou dois de folga. E como já vimos, a felicidade não está nem no lazer nem na ausência de fadiga, mas está na atividade racional, desde que essa atividade faça parte de sua vida inteira. “A felicidade parece ainda acontecer quando há tempo livre, porque nós ocupamos o tempo a trabalhar para podermos gozar de tempo livre, do mesmo modo que

fazemos guerra para poder viver em paz” (ARISTÓTELES, *EN X 1177B1*). Mas, para Aristóteles, esse tempo de ócio³⁷ deve ser algo permanente.

A felicidade é, pois, tratada entre as coisas de valor inestimáveis, completas ou perfeitas e, pelo fato de se tratar de um princípio, por causa dela que fazemos todas as outras coisas. “De resto, dizemos até que a felicidade é uma atividade da alma” (ARISTÓTELES, *EN I 1102A15*). Enquanto a felicidade é uma atividade da alma, a faculdade de desejar e o elemento intencional são atividades da razão, atividade essa que é própria do ser humano.

O que é comum e peculiar aos homens é a racionalidade tomada em sentido geral, não o discernimento teórico, que é uma forma específica da racionalidade. Um ser humano se distingue primordialmente dos animais não por possuir dotes metafísicos naturais, mas sim pela sua capacidade de planejar sua vida de maneira consciente na busca por um fim inclusivo (ZINGANO, 2010, p. 46).

A maioria dos homens acreditam que a felicidade está vinculada a outra coisa que a complete, mas o estagirita deixa claro que existem dois critérios específicos que diferencia o sumo bem dos demais, a saber: autossuficiência e a perfeição. É autossuficiente porque a felicidade torna a vida desejável, sem carências de nada; é perfeita porque não é buscada em vista de outra coisa, sempre buscamos a felicidade por ela mesma. “Por ora estabeleçamos que basta por si aquele bem que sem outro torna a vida preferível, e a qual nada falta; tal se estima seja a felicidade e é para além de todos os bens o mais digno de ser desejado, sem que esteja enumerado entre eles” (ARISTÓTELES, 2015, p.37). Ao mesmo tempo, Aristóteles apresenta três formas principais de viver a vida; cada modo de vida entende a felicidade de uma forma: viver em busca dos prazeres, se dedicar a política para conseguir honra ou concentrar-se na contemplação.

Os que se dedicam aos prazeres fazem parte da maioria da população, eles buscam satisfazer as suas vontades e seus desejos, o homem que vive assim escraviza a si próprio. E apenas aparentemente possuem um sentido para sua vida. Já os que se dedicam a vida política e praticam grandes feitos em busca de honra não encontram a felicidade perfeita. Pois, o bem precisa ser algo próprio do homem e que não possa lhe ser tirado, a honra não pode ser esse bem, porque ela depende de outras pessoas para conceberem.

³⁷ A ética de Aristóteles visava um ócio que permitisse ao homem não se preocupar com tarefas se dedicando totalmente em exercitar as atividades nobres. Na *Política* ele diz: “O uso dos servos, porém, não é uma forma de conhecimento de grande importância ou dignidade, pois constitui-se em saber fazer. Consequentemente, os senhores cujos meios são suficientes empregam um fiscal nessa função, enquanto se dedicam a ofícios de Estado ou à filosofia”. (ARISTÓTELES, 2004, P. 154). Ou seja, é preciso deixar os encargos com os escravos a fim de terem tempo livre para se dedicarem à política e a filosofia. E aqueles que não podiam se beneficiar da escravidão ficavam de fora da política. Na Grécia antiga a maior parte da população era escrava e eles estavam de fora da vida política. Por isso, só a elite podia se dedicar a procura da felicidade na contemplação.

Mas tal fim se mostra demasiado superficial em paralelo com aquele que se busca, pois que a honra está mais no poder de quem a dá, do que em quem a recebe. Pelo contrario, o bem que andamos conjeturando é coisa toda própria e difícil de ser arrebatada (ARISTÓTELES, 2015, p. 31).

E o que parece é que os homens procuram a honra para se convencerem de que são bons. Donde, o modo de vida digno é aquele que possui as virtudes e está sempre pronto para servir a sociedade. O tipo de política que visa encher os bolsos de dinheiro e conseguir fama não é o recomendado por Aristóteles. A terceira atividade é a contemplação, que por sua vez, resulta da formação do caráter. “A sua atividade, conforme á virtude que lhe é própria será a felicidade perfeita. Que tal seja a contemplativa” (ARISTÓTELES, 2015, p.119), conforme discutiremos a seguir.

3.2.1 A felicidade como contemplação

No Livro X da *Ética a Nicômaco* Aristóteles vai falar que a felicidade perfeita ou *eudaimonia* é resultado de uma atividade puramente contemplativa, uma virtude mais elevada e que é a melhor nos seres humanos. Nossa capacidade de contemplação excede a nossa faculdade de execução de qualquer ação. Essa maneira de viver alcança a real função do homem, porque os que vivem como os sábios, aspiram ao bem por ser um bem e não por outra coisa, eles agem assim porque são levados pela razão.

Os que levam uma vida contemplativa vivem de forma racional, e através da razão o homem procede de acordo com sua mais excelente faculdade, tendo em vista um bem que é a própria finalidade, e esse é o sumo bem. Como a razão é a mais nobre faculdade humana, a vida contemplativa é o modo de vida mais feliz para o homem. Visto que é a sabedoria que mais nos proporciona felicidade, e só seria possível através da contemplação. E quanto mais o homem se afastar da parte irracional de sua alma, mas ele transcende a sua própria natureza chegando mais perto do que é divino.

“Nós pensamos também que a felicidade tem de estar misturada com o prazer, porque a mais agradável de todas as atividades que se produzem de acordo com a excelência é unanimemente aclamada como a que existe de acordo com a sabedoria” (ARISTÓTELES, *EN* X 1177A25-28). A sabedoria é uma das excelências que mais nos proporciona prazer, porque o prazer que é proporcionado pela sabedoria deriva de ações virtuosas que são frutos da parte racional da alma, são chamadas por Aristóteles de prazeres superiores, pois deriva da contemplação. O sábio desempenhará a atividade contemplativa por si só e em si próprio. E

quanto mais sábio, mais facilidade de contemplação. Porque o sábio é o mais autossuficiente dos homens.

A felicidade é a coisa mais aprazível do mundo, e é perfeita em uma vida contemplativa. Aristóteles pede que pensemos no fato de que os deuses são felizes, sabemos que eles não fazem nem um ato injusto, porque não é de sua natureza. Assim, chega à conclusão de que os atos dos deuses são contemplativos, e dessa contemplação deriva a felicidade. Consequentemente, as atividades humanas que mais se parecem com essas, participam da felicidade.

Assim a atividade de Deus, distinguindo-se pela sua ventura terá de ser a contemplação. É por isso que a atividade humana com uma mais estreita afinidade com aquela é tida como a que mais exponencia a felicidade. Uma indicação disto é o fato de nenhum dos restantes animais tomarem parte da felicidade porque está completamente privado da possibilidade de uma atividade contemplativa. Pois enquanto para os deuses toda a vida é bem-aventurada, para os homens apenas na medida em que neles há um símile de uma atividade daquele gênero. Mas nenhum dos outros animais pode ser feliz, uma vez que não toma parte de modo algum na possibilidade da contemplação. Assim quanto maior a profundidade da contemplação, mais intensa será a felicidade (ARISTÓTELES, *EN* X 1178B20).

Aristóteles se pergunta, ainda, se o homem apenas com a contemplação conseguira ser feliz, sem que sinta falta da saúde, da alimentação e tudo o que um homem precisa para manter o seu corpo. Sabemos que se nossa felicidade dependesse de bens exteriores não seria difícil encontrá-la. Porém, precisamos das coisas básicas como, por exemplo, alimentação, mas nada em excesso. O dinheiro não traz felicidade, essa frase tão conhecida está sendo usada para mostrar que ele é apenas um instrumento para alcançar alguma outra coisa que necessitamos no momento.

Entretanto, o mais elevado modo de vida possível é aquele que expressa o elemento mais elevado em nós, o elemento divino da razão. Essa é a vida dedicada à apreciação da verdade, a atividade que Aristóteles chama de contemplação intelectual (BARNES, 2009, p.266).

Isso confirma que a felicidade não está nos bens em excesso, e muito menos nos bens materiais, mas na vivência das virtudes. Tanto que, não precisamos de muito para realização de grandes feitos, pois mesmo tendo uma vida simples é possível praticar ações excelentes. Basta ver o exemplo de pessoas que fizeram muito, mesmo tendo pouco, porque não consideraram que suas condições eram empecilho para a felicidade.

O homem verdadeiramente feliz não será nem rico nem pobre, porque para fazer o bem basta pouco. E se, como parece justo crer, os deuses têm das coisas humanas algum cuidado, eles amarão os homens virtuosos e principalmente os sapientes (ARISTÓTELES, 2015, p.124).

Podemos dar alguns exemplos de pessoas como Francisco de Assis, um frade católico, que foi exemplo de entrega e amor incondicional, Gandhi, fundador do Estado indiano, que pregava uma forma não violenta de protesto para a revolução. Madre Teresa de Calcutá que prestou serviços à humanidade, ajudando os pobres e doentes. Martin Luther King, líder do movimento dos direitos dos negros, pregando o amor e a não violência, Irena Sendler, uma enfermeira polonesa, que livrou varias crianças de serem levadas para os campos de concentração nazista. Ela escondia as crianças e registrava em um arquivo os nomes e dados pessoais, para que um dia elas pudessem retornar as suas famílias de origem, quando ela foi descoberta os nazistas quebraram os ossos das suas pernas, mas não conseguiram dissolver a sua vontade de ajudar e mesmo sendo condenada à morte ela consegue escapar e restaura diversas crianças as suas famílias. Essas pessoas fizeram ações excelentes mesmo não possuindo muitas condições.

O homem verdadeiramente bom e sábio, ele declara em seguida, suportara de maneira decorosa todos os acasos do viver e saberá sempre extrair o melhor de cada circunstância, como o sapateiro sabe criar o melhor calçado possível da matéria prima que lhe é fornecida (ZINGANO, 2010, p. 63).

Os sábios são mais felizes entre os homens porque eles praticam ações de modo correto e nobre, sempre preferem praticar as ações da melhor forma possível independente das circunstancias que encontrarem, e os deuses se agradam de quem praticam tais ações. “Assim o sábio será quem existe de um modo extremamente feliz” (ARISTÓTELES, *EN X* 1179A30). O filósofo é mais feliz que todos os homens, porque ele cultiva a razão e por isso é mais caro aos deuses. Ao referir-se a Aristóteles, Zingano escreve: “Sua reflexão, na *Ética*, a respeito da contemplação, é baseada na doutrina da razão enquanto elemento divino ou símile ao divino” (2010, p. 51). Isto é, o homem deve fazer do saber contemplativo, sua qualidade mais divina e seu objeto principal. Além disso, aqueles que se dedicam a filosofia se tornam pessoas maduras e decentes, e possuem mais facilidade de refutar os maus hábitos adquiridos na sua educação. Pois, através da experiência e da reflexão podem absorver os sistemas de valores oferecidos pela filosofia com propriedade.

Podemos então perceber que Aristóteles nos apresenta em sua *Ética* um tratado sobre como ser feliz, apesar dos infortúnios, essa ética é encontrada nas virtudes e tem como referência as decisões tomadas a partir de uma sabedoria prática ou prudência. Ele apresenta a felicidade como o bem mais desejado pelo homem e para alcançá-lo seria necessário ter uma vida ética. Possuindo esse sumo bem o homem não careceria de mais nada para completar sua felicidade, porque ela é autossuficiente e nunca é buscada tendo em vista outra coisa, mas

pelo contrário, sempre buscamos outros bens com intuito de encontrá-la. Por fim, essa felicidade é uma vida bem sucedida, ou seja, é a realização mais perfeita possível de si mesmo. Aristóteles nos fala em sua ética que o modo como desempenhamos nossa função dentro da sociedade dirá se seremos sujeitos felizes ou não, conforme veremos a seguir.

4 A FUNÇÃO OU ATIVIDADE DO HOMEM

Aristóteles nos fornece as bases de uma ética universal, independente de cultura ou de época, pois a busca pela felicidade independe do tempo e do lugar em que o sujeito se encontra.

O homem por natureza possui uma atividade, porque é impossível que ele viva sem uma finalidade. Ou seja, cada homem possui uma função própria no sentido último da palavra. Esse fim não pode ser apenas viver, porque isso também é comum tanto aos animais como as plantas. Não podem ser as funções vitais ou a capacidade de crescimento, uma vez que temos também isso em comum com os animais. Então, a função do homem precisa ser algo que lhe seja próprio, como acrescenta Aristóteles:

Ou será que haverá certas funções e procedimentos práticos específicos para o carpinteiro e para o sapateiro e nenhuma função para o humano enquanto humano, dando-se antes o caso de existir naturalmente inoperante? Ou será que, tal como parece haver uma certa função própria dos olhos, das mãos e dos pés e, em geral, de cada uma das partes do corpo humano, terá também de se supor que há uma certa função do humano para além de todas elas? Qual poderá ser ela então? (ARISTÓTELES, *EN I 1097B29*).

Em vista disso, podemos dizer que essa função é o que ele sabe fazer de melhor. Entretanto, não é o caso de ser um pintor ou um músico, é algo que vai além dessas atividades, que por sinal, é alguma coisa comum para todos. Assim temos: “Resta então uma certa forma de vida ativa inerente na dimensão da alma que no humano é a capacidade de razão” (ARISTÓTELES, *EN I 1098A3*). Essa capacidade de razão é vista no poder de compreensão do sujeito ao exercer a sua atividade própria de forma excelente.

Platão, no final do Livro I da *República*, trata da questão da função das coisas, como aquilo no qual tal coisa faz com melhor perfeição, conforme lemos: “Julgo que agora compreendes melhor o que eu dizia há pouco, quando te perguntava se a função de uma coisa não é o que ela pode fazer ou o que ela faz melhor do que as outras” (PLATÃO, *A República I 353A10*). E ele diz que existe uma virtude em cada função bem executada. Por exemplo, a função dos olhos é ver, por isso, a virtude do olho consiste em ver de forma perfeita. No caso de alguém com problemas de visão, seus olhos possuem uma função, mas não a desempenha virtuosamente, porque possui algum tipo de vício que prejudica o seu bom funcionamento. E isso deve ser aplicado a todas as coisas, para assim podermos entender a relação da função de cada coisa com a virtude que proporciona a felicidade.

Segundo Aristóteles, a função do ser humano é a atividade racional, mas, cada sujeito possui a sua função própria e através da atividade que ele exerce saberemos se ele é um homem virtuoso ou não.

A função do tocador de cítara é apenas a de tocar cítara, mas a do virtuoso é a de tocar virtuosamente, se assim é, isto é, se admitimos que a função do humano é uma certa forma de vida, se, por sua vez, essa forma de vida é uma atividade da alma e uma realização de ações conformadas pelo sentido; se, ainda, a função do homem sério é a de cumprir estas funções bem e nobremente, e se, finalmente, admitimos que uma ação é bem realizada se for cumprida de acordo com a sua excelência³⁸ específica (ARISTÓTELES, *EN I 1098A13*).

Assim, o bom tocador de cítara se diferencia de todos os outros tocadores de cítara por causa da virtude que ele possui. Dessa forma, o homem virtuoso exercera sua atividade de forma excelente, dado que através do hábito aprendeu a fazer uso da sua razão e entendeu que há um fim a ser alcançado pela atividade que executa virtuosamente. Conseqüentemente, compreende que a vida não virtuosa resulta na infelicidade, conforme ler-se: “contudo, decisivo para a felicidade são as atividades autênticas realizadas de acordo com a excelência ética, enquanto as atividades opostas levam a infelicidade” (ARISTÓTELES, *EN I 1100B10*).

Todas as atividades do homem são em função de um fim. Isto é, todas as atividades tem em vista um fim desejado. Esse fim é um bem em si mesmo, e este bem possui relação com a atividade do homem. “Toda a perícia e todo o procedimento prático e toda a decisão, parecem lançar-se para um certo bem. É por isso que tem sido dito acertadamente que o bem é aquilo por que tudo anseia” (ARISTÓTELES, *EN I 1094A1*). E como já foi dito, a felicidade é esse bem final e supremo do homem que é encontrada na virtude de exercer bem a sua função, independente dos recursos que lhes forem proporcionados.

Um bom capitão deve usar o exército, de que dispõe, da maneira mais útil na guerra, e o sapateiro, das peles que recebe, fazer os calçados mais belos que pode, e assim por diante quanto a todos os demais artífices (ARISTÓTELES, 2015, p. 44).

Quando o homem efetua bem a sua função, ele é virtuoso e portanto feliz, mas como saber qual é a função que é própria do homem? Para Aristóteles, essa função deve ser algo que diferencie o ser humano dos outros seres, essa atividade só pode ser a racional, ou também chamada de excelência que está ligada com a parte intelectual do homem.

³⁸ Excelências são as virtudes éticas ou disposições do caráter que são louváveis.

Então, a atividade que é própria do ser humano é a razão, e que o bem ou fim que ele deseja através dessa atividade é a felicidade. Assim como cada atividade em particular possui um fim a alcançar, por exemplo, uma casa é o fim desejado por quem está construindo, assim também como quem fabrica as ferramentas necessárias para construção, ou quem fabrica os tijolos e outros produtos indispensáveis para a construção, tudo isso visa, por fim, a casa. Dessa forma, a casa é o fim de cada atividade realizada e de cada produto fabricado, ela é quem dá sentido ao processo de construção e não há outro fim mais almejado que a própria casa para todo esse processo. Da mesma forma acontece com nossa atividade, ou seja, a nossa natureza nos leva a buscar um fim último, esse como já vimos é a felicidade, isto é, a vida do homem é um esforço constante a fim de encontrar esse fim.

Sabendo qual é o fim de nossa natureza humana fica mais fácil encontrá-lo, Porque só sabemos que o arqueiro é bom no que ele faz, se ele tiver um alvo a apontar: “Não alcançaremos mais facilmente o que é devido se, tal como os arqueiros tivermos um alvo a apontar?” (ARISTÓTELES, *EN I 1094A24*). Portanto, todos devem conhecer qual é essa finalidade e usar a sua atividade com a mais perfeita virtude, a fim de encontrá-la.

Aristóteles nos apresenta a felicidade como sendo a atividade da alma de acordo com a excelência completa, tal excelência é a razão.

Logo, a obra do homem é a atividade da alma segundo a razão, ou pelo menos, não privada de razão. Afirmamos, portanto, que é do mesmo gênero a obra do homem e a do homem excelente: não de outro modo que a do citaredo e a do bom citaredo; e assim em todos os casos, sem exceção, se acrescentarmos a excelência da virtude à obra de cada um (a obra do citaredo é tocar a cítara, a do bom citaredo é tocá-la bem) (ARISTÓTELES, 2015, p. 38).

Deste modo, em cada função exercida pelo homem deve estar presente à virtude, só assim sua ação será considerada boa e excelente e tornará o homem feliz. Aqueles que, por outro lado, não possuem uma função prática como a arte do sapateiro, ou do arquiteto ou qualquer outra coisa, podem se dedicar a atividade contemplativa que é a vida dos sábios, caso tenha tempo livre para isso. “A contemplação é uma atividade conveniente ao ócio e não visa nada para além de si mesmo” (BARNES, 2009, p.267).

Quando os homens vivem a vida contemplativa estão usando os seus conhecimentos políticos no seu convívio com os outros. E através desse conhecimento saberão e encontrarão o bem como resultado do bem vivido com todos os que convivem com ele. Assim, a vida na *polis* passa a ser uma vida onde os bens contemplativos são compartilhados por todos. Não é apenas uma vida comum em sociedade, mas é uma vida em comum, onde todos participam dos bens que são oferecidos pela natureza ao homem.

A felicidade traz realizações ao homem no horizonte da *phrónesis*³⁹, e das virtudes éticas constituindo assim o seu caráter. A *phrónesis* encaminha o homem para a sua autoconstituição, orientando a sua vida, lhe livrando das paixões, e lhe mostrando o caminho do autodomínio e da felicidade. “Quem é feliz vive bem e age bem, por que se pode dizer que a felicidade é quase um viver bem e um agir bem” (ARISTÓTELES, *EN I* 1098B21).

Ao se perguntar sobre se é recomendável correr atrás da felicidade, Aristóteles chega à conclusão de que quando nossas ações são de acordo com a excelência ética obtemos a felicidade e quando nossas atividades são opostas a ética, seremos infelizes. Porque quem é sensato suporta tudo de forma nobre e agirá da melhor forma que puder.

Para os presentes propósitos, basta considerar que Aristóteles entende o conceito de *eudaimonia* de tal modo que a *eudaimonia* necessariamente inclui todas as atividades dignas de valor; que ele aplica a noção de A ser em vista de B à relação entre qualquer atividade deste tipo e a *eudaimonia*; e que é neste sentido que ele defende que as ações moralmente boas são em vista da *eudaimonia* (ZINGANO, 2010, p.112).

A avaliação sobre a função ou atividade do ser humano leva Aristóteles à tese de que a *eudaimonia*, o mais alto bem, está presente na vida do homem que possui um princípio racional.

O conceito de *eudaimonia* supostamente localiza um tipo de reflexão cujo resultado seria um programa para a vida, capaz de ser reconhecido ao determinar o que é razoável fazer mesmo de uma perspectiva exterior às valorações que resultam da educação em uma perspectiva ética particular. A conexão entre virtude e *eudaimonia* serviria, portanto para estabelecer, de fora de tais valorações, que a lista de virtude em Aristóteles é correta, no sentido de que uma vida de atividade em concordância com ela corresponderia aos parâmetros independentes do que é digno de persecução (ZINGANO, 2010, p.264).

O homem é atividade, isto é, a passagem da potência para o ato. O que Aristóteles se pergunta em sua ética é: qual o fim desta atividade? Como já vimos, existem muitos fins e alguns servem para se alcançar outros. E a felicidade é o fim último para o qual o homem tende. Não se trata do fim específico de um homem, como a arte de ensinar, ou construir casas, mas o fim de todos os homens. E esse fim último é a felicidade, esta consiste numa vida contemplativa guiada pela razão, mediante as virtudes, que são os hábitos conquistados através da prática cotidiana.

³⁹ Ivan Gobry, 2007 p. 114, apresenta o significado dessa palavra como tendo diversos sentidos, ele nos mostra a perspectiva de alguns filósofos. Para Heráclito, significa Pensamento (fr 2.); para Sócrates Inteligência divina (Xenofonte, *Memoráveis* I, V, 17); Para Platão, pensamento puro (*Fédon* 68b, 79d etc.). E para Aristóteles, discernimento moral (“prudência”) (*EN VI V*; *Política*. IV, VI, 11). E o sentido que utilizamos é o aristotélico o de discernimento moral, que é o mesmo que sabedoria prática.

Porém, o homem muitas vezes se desvia do seu propósito e acaba fazendo coisas que o afasta de seu objetivo final e na maioria das vezes ele age errado, apesar da consciência de seu ato, e se afasta das virtudes. No capítulo VII da *Ética a Nicômaco* Aristóteles se pergunta como os homens podem fazer o que é errado mesmo tendo consciência de que não estão agindo de forma correta. Porque eles não buscam fazer o que é certo, já que possuem conhecimento de que sua ação está errada?

4.1 O QUE ARISTÓTELES DIZ SOBRE A *AKRASIA*

Agir errado apesar de possuir conhecimento de seu erro é o que se chama de *akrasia*⁴⁰, e esse comportamento intrigante ocorre com muita frequência. Nesse sentido, Aristóteles acredita que o *acrático* sabe que seu ato é errado, mas pode acontecer que na hora do ato ele não perceba que está fazendo algo errado, ou seja, ele pode por um descuido agir sem pensar. Por exemplo, temos conhecimento de que estamos passando por uma falta de água, porém não estávamos pensando nessa questão no momento, mas agora que isso foi evocado em nossa mente estamos tanto possuindo esse conhecimento como pensando nele.

Mas como se diz ter conhecimento de duas maneiras (na verdade, diz-se que tem conhecimento tanto quem faz uso efetivo dele quanto quem não faz efetivamente uso dele, pese embora o possua), assim também se diz haver diferença entre, por um lado, dispor de um conhecimento daquilo que se deve ou não fazer, mas não o ter acionado em vista no momento da ação (ARISTÓTELES, *EN VII 1146B33*).

Afirmar que alguém sabe algo não quer dizer que ele está pensando nesse algo no momento. Por exemplo, não podemos dizer que alguém não sabe falar inglês, porque não está

⁴⁰ Segundo Ivan Gobry, 2007, p. 16. *Acrático* é aquele que age contra a vontade. Platão diz: "Aqueles que fazem o mal fazem-no sempre contra a vontade" (PLATÃO, *Górgias*, 509e). Epicteto diz: "Cada um peca involuntariamente" (EPICETETO, *Leituras*, I, XVIII, 14). Existe uma tese de doutorado apresentada a Universidade de Letras de Lisboa em 2002, por David João Neves Antunes, que tem como tema: A magnanimidade da teoria, Interpretar a ética em teoria da literatura. O autor dedica uma parte da sua escrita pra tratar sobre o *acrático*, mas especificamente o capítulo dois de sua tese. Ele defende que o *acrático* é irracional, pois acredita que não há como alguém agir contra suas próprias crenças, e afirma que: "*Akrasia* absoluta e radical é inexplicável e potencialmente inexistente" p. 113. David chega a fazer críticas a teoria do prazer defendida por Aristóteles, dizendo que tal teoria é insustentável, pois é inconcebível que o *acrático*, tendo consciência do fim, que é o verdadeiro prazer, possa escolher um prazer momentâneo que seja prejudicial ou errado eticamente e diz: "Ser *acrático* é involuntário, porque só pode ser entendido em virtude da ignorância do agente em relação ao bem" p. 117. Nesse caso Para David o agente só agiu errado por não ter consciência de suas ações, ou por não saber que tal ato é errado. Esse problema levantado por David é o mesmo defendido por Sócrates que nega a existência da *acrácia* e prefere acreditar na ignorância do agente diante das ações. Bom, o que sabemos é que Aristóteles considera o *acrático* um fraco, pois apesar de possuir as virtudes intelectuais ou *phrónesis*, e a capacidade de deliberar normalmente, ou seja, tem conhecimento sobre condutas certas e erradas, mas em alguns momentos age em desacordo contra seus próprios princípios, como se por um instante ignorasse o que acredita ser correto. "Há, assim, um certo tipo de homem que fica fora de si sob efeito da paixão e age contra o sentido orientador" (ARISTÓTELES, *EN VII 1151A21*).

falando agora. Quer dizer, ele sabe falar, mas no momento não está falando, o que não significa que ele não saiba. Nesse sentido, “Aristóteles parece querer dizer que o *acrático* sabe que seu ato é errado no sentido de que ele possui esse conhecimento, mas pode cometer o ato porque não está nesse momento usando esse conhecimento” (ZINGANO, 2010, p.67).

O *acrático* pode conhecer como posse intelectual constante, mas pode não usá-lo ou contemplá-lo no momento em que precisa. “A *akrasia* essencial pura ocorre quando um homem age de modo errado embora entenda perfeitamente e completamente, no próprio momento em que pratica o ato, que este é errado” (ZINGANO, 2010, p. 73).

Então, a *akrasia* não é um desconhecimento do que é correto, o *acrático* conhece exatamente o que deve fazer, apenas erra ao aplicar sua decisão à ação. Isso fica claro, no capítulo oito do Livro VII da *Ética a Nicômaco*. Onde mostra que o *acrático* é diferente do devasso, pois esse não se arrepende do mal que faz, porque ele acredita que está fazendo a coisa certa, esse é incurável, porque é difícil levá-lo a mudar de opinião.

Há assim, um certo tipo de homem que fica fora de si sob efeito da paixão e age contra o sentido orientador, mas de tal sorte que se, por um lado, a paixão o domina ao ponto de não o deixar agir em conformidade com o sentido orientador, por outro, a paixão não domina nele ao ponto de o fazer convencer-se de que deve perseguir negligentemente prazeres deste gênero. Este é o que não se domina, e é melhor do que o devasso (ARISTÓTELES, *EN VII 1151A21*).

Esse lapsos é devido a uma força que leva o *acrático* a praticar o que o seu desejo ou apetite quer, e essa vontade faz com que o homem abandone a deliberação correta e execute a ação errada. Fazendo, portanto, o que acha mais prazeroso no momento.

Daqui resulta gerar-se um estado de perda de domínio pela ação provocada por um determinado princípio ou por uma certa opinião, uma opinião, contudo, que é contrária ao sentido orientador, não de forma absoluta, mas apenas acidentalmente. Na verdade, não é a opinião, mas o desejo que o contraria (ARISTÓTELES, *EN VII 1147A35*).

O *acrático* entende que seu ato é incorreto, porque ele se arrepende quando assume o correto a ser feito, logo “O que perdeu domínio de si é de uma natureza tal que o faz perseguir os desejos excessivos do corpo, contra as determinações do sentido orientador, mas sem estar convencido (de que isso é uma coisa boa)” (ARISTÓTELES, *EN VII 1151A12*). O *acrático* se arrepende com facilidade, pois entende que está agindo contra seus princípios morais e convicções.

A seguir apresentamos o relato de Paulo de Tarso que descreve que sofria com o fato de fazer o que entendia ser errado. “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.

Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (cf. Rm 7, 18-19). Paulo chega a dizer que se considera um miserável por não conseguir cumprir a lei que está no seu interior. No caso de Paulo ele é *acrático* por conhecer o certo a ser feito, mas por causa de algum desejo ou paixão ele acaba agindo contra o que ele próprio acredita.

Não é encontrada na ética de Aristóteles uma descrição sobre uma luta moral do sujeito contra os seus desejos. O que a análise mostra é que ele se importava como o homem pode agir contra seus próprios princípios morais, independente se havia um combate interior ou não do sujeito contra suas próprias paixões. Aristóteles verifica dois tipos de *acráticos*: o primeiro é o impetuoso, esse é levado por seus desejos não deliberados, como ele nunca delibera não sabe que seu ato é errado porque não reflete antes de agir, ele é *acrático* por conhecer o princípio moral⁴¹ que opera. E o segundo tipo é o fraco que até delibera, mas por causa de seus desejos não obedece as suas próprias escolhas, isto é, ele conhece o que é certo, mas as suas paixões são mais fortes e consegue tirar de sua mente o que é certo a fazer e acaba agindo de forma errada. Nesse caso, a *akrasia* está na fraqueza do homem em agir segundo as suas vontades e não na falta de conhecimento, visto que todos possuem um princípio moral, o impetuoso não delibera sobre ele e o fraco delibera, mas se deixa vencer pelas paixões.

Na discussão com Protágoras, Sócrates fala que ninguém pode agir de forma errada sabendo que seu ato é errado, porque o conhecimento é mais forte⁴². Assim, quando o conhecimento está presente, é impossível que outra coisa possa dominar o homem como um escravo. Sócrates acreditava que o homem que comete algo errado faz isso na ignorância, por causa disso, não acreditava na possibilidade da existência da *akrasia*.

Sócrates, na verdade, contestava completamente a nossa teoria, porque para ele, não havia sentido para a noção de falta de domínio. Segundo ele, ninguém age contra a noção que tem do que é o melhor de tudo, mas quando assim age, fá-lo por ignorância (ARISTÓTELES, *EN VII 1145B25*).

Os homens, entretanto, mesmo possuindo conhecimento muitas vezes são levados por paixões que os fazem praticar aquilo que consideram errado, e todos somos sujeitos a essa situação, a menos que alguém tenha passado pela reminiscência de Platão, e silencie suas paixões e inclinações. Mas, nesse caso para Aristóteles não se tratariam de humanos, pois, estariam mais próximos de ser o *daimôn* de Sócrates.

⁴¹ Devemos pensar os princípios morais como resoluções, quando adotados, estamos decidindo como vamos agir. O princípio que não se deve roubar apesar de ser um desígnio de Deus é uma tomada de partido perante o mundo.

⁴² Alusão ao Protágoras 345b e 357d.

Pode, então, agora, levantar-se a questão de saber como é que alguém que tem a noção correta de que o que vai fazer não está certo perde o domínio de si? Alguns dizem que tal não pode acontecer se essa pessoa tiver um verdadeiro conhecimento da situação (ARISTÓTELES, *EN VII 1145B21*).

As paixões como a ira ou o desejo sexual pode desordenar o pensamento de um sujeito e tem resultados parecidos com o da embriagues. Pois, estando nessa condição o homem não consegue compreender o que esta fazendo, ele possui a consciência e ao mesmo tempo não possui. Diante dessa fraqueza moral, a paixão que afeta o homem desarranja até o modo que ele se ver naquele momento, como o sujeito não toma consciência do que está fazendo, o caminho fica aberto para a paixão.

O que Aristóteles propõe é que capturemos a verdade de acordo com o desejo correto e vivamos de forma excelente, em uma vida digna de escolha, através da razão. Ou seja, se o homem usar sua razão prática conseguirá se libertar da *akrasia* e encontrará novamente a virtude.

Aristóteles considera, sem dúvida, que as ações moralmente boas promanam dos bons estados de caráter e a estes fazem apelo, e os bons estados de caráter são bons porque são a condição saudável e balanceada de um homem (ZINGANO, 2010, p. 122).

Assim, a capacidade de pensar é a melhor capacidade do homem, a razão é nosso melhor guia natural e ela é a nossa maior virtude e nela está à felicidade. Por nossa própria natureza somos levados a buscar o bem, mas esta busca só pode ter resultados através da virtude. A boa conduta, e o direcionamento através da razão nos leva a excelência. Assim, a felicidade está ligada a sabedoria prática de saber fazer escolhas racionais.

“A virtude intelectual chamada sabedoria prática, cuja função é permitir-nos saber a maneira correta de nos comportar. Embora a sabedoria prática não seja ela própria uma virtude moral, está intimamente associada com as virtudes morais” (BARNES, 2009, p.267).

Aristóteles apresenta a felicidade como uma atividade da alma de acordo com as virtudes mais excelentes em uma vida realizada plenamente. Porém, Aristóteles se pergunta se a felicidade é instável, e sujeita a adversidades externas que o homem não consegue administrar. Portanto, para ser feliz é necessário, tal como dissemos, tanto a excelência completa como uma existência completa.

É que há muitas transformações e acasos de diversas providências ao longo da vida, e é possível a quem prosperou cair na velhice, em situações de grande adversidade, tal como se conta acerca de Príamo na épica sobre Troia (ARISTÓTELES, *EN I 1100A5*).

Esse episódio ocorre com Príamo, rei de Troia durante o período da guerra contra Esparta. Segundo a mitologia grega, ele já estava avançado em idade e por isso não participou da guerra. Porém, seu filho Heitor, lutou em defesa de sua cidade, e foi assassinado por Aquiles. O que nos faz pensar que o rei Príamo teve uma vida feliz, porém o fim de sua vida foi de infortúnios e por isso é considerado infeliz.

Se deste modo o feliz jamais será desgraçado, também não é verdade, por outro lado, que será um bem-aventurado, sobretudo se lhe sobrevierem as desventuras do rei Príamo. O feliz não é instável nem facilmente transformável. Quer dizer, não será facilmente demovido da sua felicidade por más sortes ocasionais; apenas por aquelas de monta e que acontecem com frequência (ARISTÓTELES, *EN I 1101A6*).

O argumento de Aristóteles é que se quisermos ser felizes devemos praticar as virtudes. Porém, essa vida feliz nos parece agora vulnerável. Essa é uma das complexidades da teoria aristotélica. Porque muitas vezes esperamos que pessoas honestas e bondosas preservem seus princípios mesmo estando em situações adversas por continuar fiel, e nada mais justo que pessoas assim vivam todos os dias de sua vida feliz.

4.2 A FELICIDADE É PERMANENTE

Aristóteles descreveu a felicidade como o bem viver segundo as virtudes, essa seria a vida mais prazerosa, e tal felicidade não dependeria de posses ou riquezas, já que se a felicidade dependesse de bens exteriores não poderíamos ficar seguros, pois o dinheiro é algo instável. Como já foi dito anteriormente a felicidade é completa e autossuficiente, sozinha ela torna a vida digna não carecendo, assim, de nada. “Ser feliz não é possuir uma porção de todas as coisas boas que são básicas, mas viver de acordo com princípios racionalmente calculados para as assegurar” (ZINGANO, 2010, p.213). Quer dizer, uma vida próspera e feliz é resultado de atividades bem executadas e não de bens exteriores, honra ou qualquer outra coisa. A autossuficiência da felicidade não depende de prosperidades em excesso, é possível realizar feitos nobres e excelentes mesmo não possuindo grande poder ou influência.

Visto que a felicidade seja uma atividade da alma de acordo com a virtude mais excelente em uma vida completa, os bens exteriores são apenas recursos que a pessoa virtuosa usa corretamente. “O generoso precisará de dinheiro com o qual possa praticar atos generosos, e o justo para poder retribuir os favores recebidos” (ARISTÓTELES, *EN X 1178A29*). Já a pessoa que anda segundo os vícios usa mal seus bens para seu próprio prejuízo. Nesse sentido lemos: “Nú sai do ventre de minha mãe e nú tornarei para lá; o senhor o deu e o senhor o

tomou; bendito seja o nome do senhor. Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma” (cf. JÓ 1, 21-22).

Segundo Aristóteles para o homem ser feliz é necessário ser virtuoso. Em vista disso, lembramos que Satã tinha em mente que se Jó perdesse tudo que possuía deixaria de ser virtuoso, pois acreditava que a sua felicidade não estava na sua vida virtuosa e sim na sua riqueza. E foi falar com Deus pedindo para que a fidelidade de Jó fosse testada, colocando ele em infortúnios. Porém, Jó permaneceu firme em seus princípios e a sua esposa chega a se espantar com tamanha fidelidade. “Então sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (cf. JÓ 2,9). Embora a honestidade de Jó perante as percas de sua vida nos choque, essa integridade era prevista por Deus, porque ele era um servo virtuoso. Por esse motivo Jó se manteve fiel mesmo enfrentando esta fase de infortúnios em sua vida, ele foi capaz de suportar toda dor e perda e permaneceu um homem reto perante Deus. Aristóteles diz algo semelhante, nesse sentido:

O feliz possuirá a estabilidade procurada na felicidade e permanecerá assim ao longo da sua vida. Levará a prática e terá na pura contemplação sempre, ou durante mais tempo do que todos os outros, aquelas coisas respeitantes a excelência e suportara o mais nobremente possível tudo o que aconteça a respeito do que quer que seja. Um homem verdadeiramente bom é reto como um quadrado (EN I 1100B18).

Na história de Jó percebe-se que o Senhor lhe tira tudo, menos a sua retidão, e segundo Aristóteles isso é o que determina a felicidade. E em nenhum momento vemos Jó reclamar de seus infortúnios, pelo contrário, ele sabia que não precisava de nada para se manter íntegro perante Deus. Aristóteles diz:

Nenhum dos que são bem aventurados se tornará miserável. Jamais praticará ações odiosas ou mesquinhas. Pensamos, pois, que quem é verdadeiramente bom e sensato suportara toda a espécie de sorte nobremente e a partir das condições disponíveis agirá sempre da melhor forma possível (EN I 1100B35).

Vemos que quando Jó tinha tudo, era um homem feliz, mas quando ele perdeu tudo não se tornou infeliz⁴³. Porque nenhum bem pode ser acrescentado à felicidade, já que ela não necessita de nada.

⁴³ No *Mênnon* 78A1-9 Sócrates pergunta: “Mas eles não crêm que os que sofrem dano são miseráveis, na medida em que sofrem dano?” o estudante responde que sim, agora Sócrates pergunta novamente a Mênnon: “E não é necessário crer que os miseráveis são infelizes?” Mênnon responde que são. Mas Sócrates pergunta: “Há então quem queira ser miserável e infeliz?” e logo após o estudante responder que não. Sócrates diz: “ser miserável é desejar e obter as coisas más”. Nesse caso passar por um infortúnio torna a pessoa miserável, mas não infeliz. Sócrates mostra essa diferença quando pergunta a Mênnon se há quem queira ser miserável e também ser infeliz, Assim podemos interpretar que Sócrates não mistura os dois termos, mas os coloca em âmbitos diferentes, sendo possível alguém ser miserável e não infeliz. E pelo fato de ser miserável tal pessoa não é considerada feliz, mas

Se alguém é virtuoso e ao mesmo tempo rico o suficiente para fazer grandes ações em favor dos outros, e sente prazer no que faz; Se esse homem contrair mais riquezas, poderá realizar ainda mais, boas obras. No pensamento de Aristóteles o uso dessa riqueza suplementar que ele adquiriu para ajudar os outros, será bom e virtuoso. Porém, embora isso lhe faça feliz, não produz um bem maior do que a felicidade que ele já possuía antes. “Aristóteles pode, pois defender sua primeira tese acerca da fortuna que a boa fortuna pode me tornar mais feliz, mas não pode me oferecer um bem maior que a felicidade” (ZINGANO, 2010, p.219).

Como já vimos, o homem virtuoso possui a vida feliz e precisa de forma moderada de bens exteriores, caso os perca, como foi o caso de Jó, a pessoa não se tornará infeliz. Zingano numa interpretação do texto de Aristóteles diz: “se a felicidade possui diversas partes determináveis, sou feliz se possuo todas elas e não sou feliz se não possuo ao menos uma delas” (2010, p.220). Mas, existe uma diferença entre possuir uma das partes da felicidade e não possuir parte nenhuma. Assim, é importante entender essa diferença, porque o homem virtuoso sempre mantém durante a sua vida uma parte da felicidade sem a qual nenhum bem participa da felicidade.

Aristóteles diz ainda que, o fato do homem virtuoso sempre possuir a felicidade isso não impede que ele possua outros bens. Uma vez que o homem que não é virtuoso não possui parte alguma na felicidade, mesmo possuindo outros bens. Se pensarmos ao contrário, o homem virtuoso que não possui outros bens não é infeliz, já o homem que possui outros bens, mas não possui as virtudes, esse sim, é infeliz.

Acerca da virtude, ele considera como um bem dominante e o componente dominante da felicidade: deve-se preferir sempre a virtude a qualquer componente ou combinação de componentes da felicidade, assim como a qualquer bem ou combinação de bens (ZINGANO, 2010, p.220).

A virtude é o componente da felicidade, ela é estável e nada pode destruí-la, nem pode ser arrancada de nós, ela é imune à fortuna, pois a fortuna está sempre vulnerável a má sorte. E o homem é feliz, em razão de si mesmo e não em razão de qualquer outra coisa. A felicidade está no caráter, isto é, nas ações praticadas pelo homem. Tal felicidade é completa, independente das circunstâncias da vida. “Nós fazemos da felicidade o fim, e na verdade o fim completo em qualquer circunstância e de modo total” (ARISTÓTELES, *EN* I 1101A15). Por este motivo Jó não era infeliz, porque ele era um homem justo e bom, a sua felicidade

não necessariamente ela é infeliz. Pois para Aristóteles a felicidade do homem virtuoso é permanente e não se torna vulnerável diante da má sorte. Pois como já vimos a felicidade está no caráter das ações.

estava limitada, mas ele não se tornou infeliz, já como diz Aristóteles: “Nenhum dos que são bem-aventurados se tornara miserável” (ARISTÓTELES, *EN* I 1100B35).

Quando Aristóteles afirma que as ações virtuosas controlam ou estabelecem a felicidade, ele não está dizendo que as ações virtuosas sejam bastantes para a felicidade, nem que a felicidade dependa somente das ações virtuosas e seus resultados. O que ele queria mostrar é que nas situações apropriadas, as ações virtuosas constituem as contribuições determinantes para a felicidade. E isso não exclui o fato do homem virtuoso necessitar em certa medida dos bens exteriores necessários para sua sobrevivência, mas ele deixa claro que os bens exteriores não são bastante para tornar alguém feliz. Essa questão não é muito fácil de ser avaliada, pois temos consciência de que o ser humano possui necessidades e por sua natureza busca conquistar bens exteriores para sua própria realização, mas isso mostra o quanto o argumento de Aristóteles é resistente e porque ele se prolonga nessa questão:

Ou será que ir atrás das sortes não está certo de maneira nenhuma? Na verdade, nelas existe o bom ou o mal, mas, como dissemos, a existência humana precisa delas. Contudo, decisivo para a felicidade são as atividades autênticas realizadas de acordo com a excelência ética, enquanto as atividades opostas levam à infelicidade (ARISTÓTELES, *EN* 1100B8-11).

Entendemos que um caráter virtuoso controla a felicidade, nesse sentido, Zingano compara o homem de caráter virtuoso com alguém que possui certo grau de inflexibilidade, pois na sua concepção, um homem maleável é mais propenso a modificar o seu caráter a fim de conseguir algo que deseja. “Um caráter virtuoso é estável e quem mantém essa inflexibilidade assegura o componente dominante da felicidade: a inflexibilidade não requer o sacrifício da felicidade” (ZINGANO, 2010, p.222). O homem flexível que altera o seu caráter e sua individualidade a fim de ganhar riquezas ou outro bem faz isso tendo em vista garantir a felicidade. Se esse homem se importa mais em conseguir riquezas do que com possuir um caráter virtuoso e imutável, sua escolha é volúvel, porque, sem as virtudes os outros bens não são elementos da felicidade. Esse homem só demonstra que não entende a natureza da felicidade, e menos ainda a natureza de um caráter virtuoso.

A felicidade é completa e causada pela virtude, mesmo sendo sujeita a infortúnios, ela deve ser permanente. Príamo vivia uma vida feliz até passar pela morte de Heitor na guerra e perder o seu reino. Ele não teve um final de vida feliz, mas isso não quer dizer que ele estava infeliz. O que aconteceu com o rei Príamo pode ser considerado ruim, mas supomos que ele era um homem virtuoso, e ao contrario do que pensamos, Príamo morreu feliz, pois ousou fazer todos os projetos dignos realizados.

Já se tratando de Jó, vemos que ele tinha uma vida muito feliz e prospera, porém, acabou perdendo tudo, menos o seu caráter e, por causa disso, o Senhor abençoa o fim da vida de Jó de maneira que ele viveu para ver até a sua quarta geração e nesse tempo ele recupera seus rebanhos e a posição que antes tinha na sociedade. Esses dois exemplos do rei Prámo e de Jó serviram para ilustrar o argumento de Aristóteles a respeito de a virtude ser a responsável pela felicidade, independente dos infortúnios.

Essa relação que Aristóteles propõe entre virtude e felicidade é herdada de seu mestre. No livro I da *República* Platão não defende que a virtude é suficiente para felicidade, mas vai mostrar que o homem justo pode até passar por infortúnios, mas esse homem é mais feliz do que qualquer pessoa injusta seria. Já foi mencionado em nosso trabalho que Platão concorda com Aristóteles a respeito de cada coisa possuir uma função própria e tal função é virtuosa quando realizada de forma excelente, Platão mostra que a alma também possui uma função:

A alma tem uma função, que não pode ser desempenhada por toda e qualquer outra coisa que exista, que é a seguinte: superintender, governar, deliberar, e todos os demais actos da mesma espécie. Será justo atribuir essas funções a qualquer outra coisa que não seja a alma, ou devemos dizer que são específicas dela? (PLATÃO, *A República* I 353D4)

Essa atividade da alma não pode ser atribuída a qualquer outra coisa, assim a alma também possui a sua virtude própria, e por isso a alma não executara bem a sua função se for desprovida de tal virtude, Platão diz: “Logo, é forçoso que quem tem uma alma má governe e dirija mal, e quem tem uma boa, faça tudo isso bem” (PLATÃO, *A República* I 353E5). Com isso, Platão chega à conclusão de que a justiça é uma virtude e a injustiça um vício da alma e, conseqüentemente, o homem justo vivera bem, enquanto o injusto vivera mal. “Mas sem dúvida o que vive bem é feliz e virtuoso, e o que não vive bem, inversamente” (PLATÃO, *A República* I 354A1). Assim, jamais seria vantajoso ser injusto, mas pelo contrário, ser injusto só traria danos para a felicidade. Porém, em nenhum momento Aristóteles atribui a seu mestre a doutrina de que a pessoa boa é mais feliz, mas aceita a tese de que a pessoa está a se tornar feliz ao mesmo tempo em que se torna boa.

“Ser virtuoso e agir o mais virtuosamente possível estão em nosso poder e podem ser desenvolvidos e expressados pela reflexão racional” (ZINGANO, 2010, p.229). Com toda certeza o homem que é virtuoso vai querer praticar ações corretas a fim de atingir o que pretende através de suas ações. Seria, por outro lado, estranho um homem justo não se preocupar com o resultado das suas ações. Sabemos que o homem justo se preocupa em guiar a sua vida pela razão prática, pois o que ele mais deseja é praticar ações justas mesmo que ele

não tenha êxito em outros objetivos de sua vida. O caráter é a sua principal preocupação, o que não quer dizer que é exclusivo tal homem pode possuir outras capacidades.

Um homem que é dirigido pela razão não tem motivos para pensar que viveria mais feliz se fosse menos virtuoso. “Aristóteles afirma que a pessoa virtuosa praticamente não se arrepende” (ZINGANO, 2010, p.230). Isso acontece não porque essa pessoa sempre alcança o que deseja, ou por que não se preocupa com seus infortúnios, mas porque sempre terá o prazer de fazer o que uma pessoa virtuosa faz, e entende que estaria em situação pior se sacrificasse sua capacidade de agir através da racionalidade, que deve ser o que domina o seu bem. A razão é muito importante para o homem, pois é o que sustenta a dominância da virtude na felicidade.

O justo se preocupa com o bem de todos da comunidade, porém na prática, muitas vezes, para conseguir o que queremos esquecemo-nos dos outros. Isso nos faz lembrar de Maquiavel:

Vai tanta diferença entre o como se vive e o modo por que se deveria viver, que quem se preocupar com o que se deveria fazer em vez do que se faz, aprende antes a ruína própria, do que o modo de se preservar; e um homem que quiser fazer profissão de bondade, é natural que se arruíne entre tantos que são maus. Assim, é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe-se valer-se disso segundo a necessidade (MAQUIAVEL, 2000, p. 90).

Aqui vemos provavelmente um ataque de Maquiavel ao compromisso sério que se deve ter com as virtudes, defendidas por Aristóteles. O que o *Príncipe* está mostrando é que ser virtuoso pode trazer maus resultados para a vida, e ele sugere que o homem precisa se moldar ao momento, ele deve praticar o bem quando for necessário, mas agir com maldade quando sentir que precisa ser mau. O que contradiz totalmente Aristóteles quando ele defende que o homem virtuoso não boicota os seus fins, porque possui um valor superior que demonstra seu caráter, e não visa o resultado atingido através dele.

Mesmo o homem sabendo do fato de que nem sempre ser justo lhe faz atingir o que deseja, não pode lhe impedir de pensar em ser justo antes de alcançar seus objetivos. Porque, para Aristóteles, é melhor ser justo e não conseguir o que deseja do que conseguir, como o *Príncipe* de Maquiavel, e ser injusto.

“Contudo, podemos ainda indagar por que Aristóteles pensa que a pessoa virtuosa deve se fixar a objetivos rígidos e aos riscos do fracasso se pode cultivar um estado de caráter mais flexível” (ZINGANO, 2010, p.232). Nesse sentido, Aristóteles diz que o tipo de rigidez em estados de caráter é em si mesmo um elemento da felicidade no homem virtuoso. Se alguém cultiva estados de caráter estáveis e imutáveis, assegura a sua própria felicidade. Tal

estabilidade o diferencia do homem vicioso que é instável. Isso não quer dizer que o vicioso possui um fim último menos constante que o virtuoso, mas que pelo fato de ser instável ele pode mudar ou sacrificar outros fins em lugar do fim que entende por soberano. A pessoa viciosa é mais maleável e isso já seria uma razão para querer ser virtuoso.

O que Aristóteles quer mostrar com isso é que se alguém tem os planos certos para seu futuro precisa persistir nos seus objetivos no presente. Pois, se essa pessoa se tornar maleável com seu estado de caráter, mais rápido ela se destruirá antes de conseguir seus objetivos. “Contudo, decisivo para a felicidade são as atividades autênticas realizadas de acordo com a excelência ética, enquanto as atividades opostas levam à infelicidade” (ARISTÓTELES, *EN I 1100B10*). O homem maleável se adapta como queria Maquiavel, para chegar onde deseja, porém, quando esse homem se torna flexível e não possui um caráter permanente e se adapta dependendo das situações em parte ele se destrói e em parte não assegura mais seus objetivos.

“Os estados de caráter que desenvolvemos quando adquirimos as virtudes são primeiras atualidades realizadas em ações virtuosas intermitentes e estão entre os estados essenciais cuja persistência é a persistência da própria pessoa” (ZINGANO, 2010, p.233). Quando Aristóteles descreve o melhor tipo de amizade torna claro que ele considera tais estados de caráter essenciais a todos os homens. Como já vimos anteriormente quem é virtuoso ama o seu amigo em si mesmo, pois ama o caráter virtuoso dele, porque o amigo também deve ser virtuoso, esse é o ideal de amizade para Aristóteles.

As pessoas virtuosas são amigas em razão de si mesmas e do caráter que possui. Essa amizade se torna resistente, ao contrário de outras amizades que são instáveis e passageiras. Nesse caso, se acontecer do caráter de um dos amigos mudar a amizade não será mais a mesma, pois era mantida justamente por causa do caráter. E essa pessoa, na visão de Aristóteles, não é mais a mesma. E, por conseguinte o outro amigo fica livre das obrigações que tinha com o que mudou.

Não é que a pessoa que mudou seu caráter se tornou outra pessoa, o que mudaram foram suas escolhas, menos dela permanecera no futuro, seu antigo planejamento fracassa e acontecem mudanças na sua personalidade. Isso não quer dizer que essa pessoa perdeu os afetos pelos amigos, mas o fim que ela agora tem como soberano pode pedir dela sacrifícios a respeito de fins que considera subordinados, por exemplo, uma pessoa que considera o poder e o dinheiro como fim soberano, os outros fins como a amizade se torna subordinada, no sentido de não possuir a mesma importância, e para essa pessoa não será difícil agir de forma

desonesta com seus amigos para conseguir o que deseja. Esse tipo de vida é rejeitado por Aristóteles, pois o homem virtuoso precisa manter-se fiel a seus amigos:

Os sentimentos de amizade que temos pelos nossos próximos e as características distintas pelas quais as formas de amizade são definidas parecem resultar dos comportamentos e relações que o humano tem consigo próprio. Nós supomos que amigo é quem quer bem efetivo ou aparente ao seu amigo e o faz em vista do próprio amigo (ARISTÓTELES, *EN* 1166A1).

O processo de deliberação sempre parte de um objetivo. Por exemplo, quando alguém quer alcançar uma saúde melhor, primeiro em seu processo racional propõe mudar sua alimentação, depois pensa como pode fazer isso já que não sabe cozinhar, e considera o fato que precisa aprender. Em seguida entende que para isso precisa se matricular em um curso de culinária, e com esse raciocínio consegue chegar onde deseja.

As decisões revelam o homem, porque suas decisões indicam os valores e a qualidade de seu pensamento prático. Seu caráter determina seus valores básicos, e seu intelecto prático determina como levá-los a efeito (BARNES, 2009, p.272).

Todos procuram aquilo que julgam bom, porém homens que possuem valores errados não sabem o que realmente é bom.

O que Aristóteles fala acerca da razão prática e da sua estabilidade, mostra que ser virtuoso é um componente dominante da felicidade. Aquele que procura outros bens que requerem a abdicação de objetivos dependentes da razão, ou se requer a destruição de um caráter estável, se esquece de que a sua preocupação era com a felicidade. Sem a racionalidade não tem como garantir a felicidade, e não tem porque o homem preferir outro bem que não a própria felicidade.

Chegando ao fim do nosso trabalho nos perguntamos se alcançamos o fim proposto, se bem que nas ciências práticas como é o caso da ética, o fim está mais no realizar, do que no tomar conhecimento. “Também acerca da excelência não se dá o caso de bastar conhecê-la, mas tem de se tentar possuí-la e aplicá-la, ou de qualquer modo tornarmo-nos pessoas de bem” (ARISTÓTELES, *EN* X 1179B1). O que quer dizer que não é simplesmente porque estudamos a ética de Aristóteles que nos tornamos pessoas plenamente boas, pois é preciso colocar em prática. “Um homem que quer uma vida próspera e feliz tem de tornar-se um homem excelente” (BARNES, 2009, p. 275). O que Aristóteles quer nós ensinar com sua ética é que não basta saber o que é a felicidade, ou a virtude, o que ele quer é que nos tornemos bons. Se os conhecimentos bastassem então deveríamos buscar conhecer muito mais. Aristóteles nos lembra que ao se tratar de coisas e atividades a fazer, ele não quer

desenvolver teorias, na verdade ele queria nos levar a agir exercendo as virtudes, conforme escreveu:

Não examinamos a excelência para sabermos o que ela é – o que não teria nenhuma utilidade –, mas para nos tornarmos excelentes, é necessário examinar o que diz respeito às ações. Isto é, como tem de ser levadas a prática (ARISTÓTELES, *EN* II 1103B26).

Concluimos assim, que a filosofia moral de Aristóteles não visa à teoria, mas a prática, um conhecimento imediato que leve a uma vida puramente virtuosa, sendo plenamente bom⁴⁴. A atividade racional é a função do ser humano que o leva a exercer essa vida de virtudes, mesmo aqueles que se deixam levar pelas paixões e cometem erros, possuem a razão prática, só precisam deliberar corretamente, só assim poderão alcançar o fim último, aquele que é o bem mais desejado e capaz de resistir aos infortúnios da vida, a felicidade. Os homens que, por outro lado, não usam de modo correto a razão e preferem uma vida de vícios ao invés de virtudes, serão infelizes, visto que a vida ética é o caminho apresentado por Aristóteles para a felicidade.

⁴⁴ Plenamente bom quer dizer que tal sujeito possui todas as virtudes humanas, incluído a sabedoria prática.

5 CONCLUSÃO

A *Ética a Nicômaco* é a exposição fundamental da moral aristotélica. Nela Aristóteles discute a questão do fim último de toda ação humana, e nesse sentido, afirma que tudo que o homem faz é em função da felicidade, o fim último no sentido de plenitude.

A vida ideal é a vivência das virtudes ao lado dos que convivem conosco, e essa vivência é a felicidade. Desse modo, a virtude moral é adquirida pelo exercício das demais virtudes no decorrer da existência humana, porque sem a prática o homem não pode tornar-se um ser bom. Assim, o homem se apresenta como a própria causa das suas ações.

As virtudes são divididas em *dianoéticas* ou intelectuais, que é a capacidade de conhecimento da parte racional da alma, e em virtudes éticas ou morais, as que referentes ao caráter e a natureza da virtude está justamente no meio termo: a virtude da coragem fica no meio entre a covardia e a temeridade. Logo, o caminho para encontrar a *eudaimonia* é o do meio termo ou caminho da virtude. Diante do exposto, conclui-se que o bem de cada coisa é sua atividade, sua função própria, isto é, o que essa coisa faz de melhor: a função própria do olho é ver.

Ao analisar a atividade do homem Aristóteles conclui que aquilo que é próprio do ser humano só pode ser a capacidade de razão, pois é algo exclusivo do homem. Posto que o viver seja algo comum aos animais e plantas, da mesma forma, o sentir também é compartilhado com os animais.

Portanto, a felicidade é o sumo bem porque é sempre buscada por si mesma e não como meio para outra coisa. Ninguém procura a felicidade tendo em vista outra virtude, além de ser feliz. A felicidade é autossuficiente, isto é, não está subordinada a uma única pessoa se quer, por isso, é acessível a todos. A condição de autossuficiência torna a vida mais desejada e livre porque assim é a felicidade.

Para obter uma melhor compreensão dos elementos que compõem o agir humano numa perspectiva aristotélica, foi preciso conceituar alguns termos como ética, amizade, virtude, prazer dentre outros. Logo, podemos concluir que a ética proposta por Aristóteles propõe um caminho para a felicidade enquanto fim. Conquistá-la é o princípio que domina todo agir. Dito isto, vale ressaltar que aqui não se quer dizer que a felicidade é o ponto final, ou que é conquistada no fim da vida, mas que ela é algo que está em permanente construção, por isso, já pode ser experimentada desde já. Então, a felicidade não é um fim acabado, mas algo que está em constante aprimoramento e que nos leva sempre a querer buscá-la.

Uma vez entendido que a felicidade é o fim das ações humanas é preciso pôr em prática, visto que a filosofia aristotélica não se limita à teoria. A vida prática se efetiva quando o homem virtuoso age de forma justa e coerente dentro do tecido social no qual está inserido. Por isso, a virtude deve gerir a vida do homem orientando-o a usar as disposições do caráter o que resulta na felicidade de todos os cidadãos.

Possuindo a virtude o sujeito busca praticar ações excelentes e para tal é preciso dedicação e esforço. Não é o caso de querer ser um bom músico, mas é procurar tocar da melhor maneira possível para ser um músico excelente. Todos possuem a capacidade de ser virtuosos, pois todos possuem a faculdade da razão, porque é preciso saber deliberar sobre as decisões corretas, evitando sempre os vícios e paixões e buscar sempre a virtude. Porém, alguns apesar de entenderem o que é certo a fazer acabam traindo seus próprios princípios, esses agem contra a sua própria vontade, eles são chamados de *acráticos*, pois possuem as virtudes, mas não as cultivam, e por isso são vencidos pelas paixões e acabam agindo mal.

Como vimos, o agir de forma correta nos leva à felicidade, pois é fruto da virtude. Contudo, aquele que não se esforça no cultivo e dedicação das excelências éticas não terá outro fim que não seja a infelicidade. Por isso, todos que desejam a vida plena e feliz precisam viver de acordo com a virtude. Portanto, o homem aristotélico não é um homem que se reduz à vida teórica, mas, um ser concreto que vive em uma sociedade e que se relaciona com os outros. E que carrega em si, o dever de colocar em prática aquilo que assimilou na teoria, alguém que reconhece que a sua felicidade perpassa o horizonte da convivência ética com os demais. Porque, só agindo virtuosamente e seguindo a faculdade da razão que nos tornamos seres éticos e conseqüentemente felizes.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. Trad. coord. e rev. Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.
- _____. **Política**. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 2004.
- _____. **A ética: textos selecionados**. 3. ed. Trad. e notas: Cassio M. Fonseca. São Paulo: Edipro, 2015.
- ANTUNES, David João Neves. **A magnanimidade da teoria: interpretar a ética em teoria da Literatura**. 2002. 293 f. Tese de doutorado. Faculdade de letras de Lisboa. Disponível na Internet. <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3792/1/ulfl010991_td.pdf> Acesso em: 01 de abr. 2017.
- BARNES, Jhonathan. (org). **Aristóteles**. Trad. Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida: São Paulo: Ideias e Letras, 2009. (Coleção Companions e Companions).
- BÍBLIA, Português. **Bíblia de estudo: Antigo e Novo testamento**. Edição Almeida Revista e Corrigida. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- CATUNDA, Roberto Robinson Bezerra. **A eudaimonia e a conexão das virtudes na Ética a Nicômaco**. 2011. 105 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Disponível na Internet. <http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/2011_a_eudaimonia_e_a_conexao_das_virtudes.pdf> Acesso em: 05 de jan. 2017.
- COBRY, Ivan. **Vocabulário Grego da Filosofia**. Trad. Ivone C. Benediti, transl. do grego Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. 33. ed. Trad. Lívio Xavier. Coleção Clássicos de Bolso. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- MARÍAS, Julián. **História da Filosofia**. 2. ed. Trad. Claudio Berlinder. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- PLATÃO. **A República**. 3. ed. Trad. e notas: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa – Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.
- _____. **Mênon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet, trad. Maura Inglêsias. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; edições Loyola, 2001.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROCHA, Narcisa Ferreira Lima. **O agir ético segundo Aristóteles**. 2009. 98 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Disponível na internet. <http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacao2009_agir_etico_segundo_aristoteles.pdf> Acesso em: 18 de Set. 2016.
- SCHERER, Deoclécio Antônio. A educação no tempo da ética: conexões entre paradigmas divergentes. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 1, n. 1, jan-jun, 2000, p. 1-13. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível na Internet. <<http://www.redalyc.org/pdf/1891/189118251007.pdf>> Acesso em: 18 de set. 2016.
- SPINELLI, Priscilla Tesch. **A prudência na ética Nicomaqueia de Aristóteles**. 2005. 198 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível na internet. <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6840/000491179.pdf>> Acesso em: 09 de jan. 2017.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. 30. ed. Trad. João Dell' Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.
- ZINGANO, Marco (org). **Sobre a ética nicomaqueia de Aristóteles: textos selecionados**. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.